



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CED
CURSO DE PEDAGOGIA

Letícia Silva Stork

**OS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA FRENTE A INCLUSÃO DE
ESTUDANTES COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA: ESTADO DO
CONHECIMENTO EM TCC DO CURSO DE PEDAGOGIA/UFSC**

Florianópolis
2024

Letícia Silva Stork

**OS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA FRENTE A INCLUSÃO DE
ESTUDANTES COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA: ESTADO DO
CONHECIMENTO EM TCC DO CURSO DE PEDAGOGIA/UFSC**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao curso de Graduação de
Pedagogia do Centro de Ciências da
Educação da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito parcial para
a obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Jocemara Triches

Florianópolis
2024

Stork, Leticia Silva

OS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA FRENTE A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA: : ESTADO DO CONHECIMENTO EM TCC DO CURSO DE PEDAGOGIA/UFSC /

Leticia Silva Stork ; orientadora, Jocemara Triches, 2024.

70 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Pedagogia. 3. Transtorno do Espectro Autista (TEA). 4. Educação Básica. I. Triches, Jocemara . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

Letícia Silva Stork

Os professores da Educação Básica frente a inclusão de estudantes com Transtornos do Espectro Autista: estado do conhecimento em TCC do curso de Pedagogia/UFSC

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia.

Florianópolis, 10 de agosto de 2024.

Simone Vieira de Souza
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Banca examinadora

Profª Jocemara Triches, Dra.
Orientadora
UFSC

Profª Ana Carolina Christofari, Dra.
EED/CED/UFSC
(Membro examinadora)

Profª Patrícia Laura Torriglia, Dra.
EED/CED/UFSC
(Membro examinadora)

Profª Caroline Guião Coelho Neubert, Dra.
Colégio de Aplicação/UFSC
(Membro examinadora)

Profª Rosalba Maria Cardoso Garcia, Dra.
EED/CED/UFSC
(Membro Suplente)

AGRADECIMENTOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso, bem como a trajetória durante a graduação, não seria possível sem a presença e apoio de pessoas fundamentais na minha vida.

Agradeço, em especial, à minha mãe, Cristiane Silva, por todo o estímulo e força desde que iniciei a graduação. És a minha inspiração!

À minha tia, Aurea Maria da Silva, pelo apoio e incentivo.

Ao Salah Eddin Hussein, que sempre me ensinou a ser forte e me deu os melhores conselhos, especialmente nos momentos em que pensei em desistir. Com apenas uma palavra, ele tinha o poder de remover todos os obstáculos que eu mesma colocava no meu caminho. Sem seu apoio, eu não teria chegado até aqui.

À minha melhor amiga, Ana Caroline dos Santos, pela força, conselhos, carinho e compreensão, mesmo nos momentos em que estive ausente.

À minha orientadora, Prof^a Jocemara Triches. Ter trilhado o seu caminho foi um dos maiores presentes que a UFSC poderia ter me dado. Obrigada por ter ajudado a pensar no ajuste do meu tema de pesquisa para que conseguisse me orientar, me encaminhando com toda a sua generosidade e paciência os primeiros e mais importantes passos para que eu não desistisse e conseguisse construir este trabalho.

À UFSC, pelas amizades essenciais que fiz e pelo apoio nas apresentações, que sempre foram um desafio para mim.

Aos professores, especialmente aos membros da banca examinadora: Prof^a Rosalba Maria Cardoso Garcia, por todo o conhecimento compartilhado e dedicação durante as dificuldades que passamos de forma remota na pandemia do COVID-19; à Prof^a Patrícia Laura Torriglia, pelo carinho e acolhimento que sempre me fez sentir; à Prof^a Caroline Guião Coelho Neubert, ter trilhado o seu caminho também foi um dos maiores presentes que a UFSC poderia me proporcionar. Aprendi tanto com você e sua incrível didática. Um olhar cuidadoso com a especificidade de cada aluno, e sobretudo comigo, especialmente em relação aos meus desafios, anseios e traumas de quando eu era criança e cursava os anos iniciais; à Prof^a Ana Carolina Christofari, não tive a oportunidade de conhecê-la antes, mas agradeço sinceramente por ter aceitado o convite.

E, mais importante, agradeço a Deus por ter sempre me guiado.

“Incluir não é só integrar [...] não é estar dentro de uma sala onde a inexistência de conscientização de valores e a aceitação não existem. É aceitar integralmente e incondicionalmente as diferenças de todos, em uma valorização do ser enquanto semelhante a nós com igualdade de direitos e oportunidades. É mais do que desenvolver comportamentos, é uma questão de consciencialização e de atitudes.” (Cavaco, 2014, p.31)

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender de que maneira aparece nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) defendidos no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o processo de escolarização na educação básica, de estudantes com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), e o papel dos professores em relação a esses alunos/as. Busquei com a pesquisa responder, entre outras, às seguintes perguntas: o que os TCCs do curso de Pedagogia da UFSC nos dizem sobre o papel do/a professor/a na inclusão de estudantes com espectro do Autismo na educação básica? Que subsídios o/a professor/a pode encontrar para poder favorecer a inclusão dos estudantes com Autismo? Como esses trabalhos descrevem o Autismo na escola e sobre as legislações que tratam do assunto? A pesquisa realizada neste estudo é de natureza qualitativa, com um levantamento bibliográfico chamado de “Estado do Conhecimento”. Para o desenvolvimento da pesquisa fez-se um mapeamento dos TCCs do Curso que se encontram disponíveis no Repositório Institucional (RI). Constatei com a pesquisa que os TCCs do Curso sobre educação especial se dão de 2013 a 2023, sendo que acerca de TEA as primeiras pesquisas datam de 2016; De 55 TCCs sobre educação especial 15 abordam o TEA; Esses trabalhos têm características de organização bem parecidas; Em todos eles se menciona, várias vezes, sobre os docentes e apontam a dificuldade dos professores e da escola para compreender os sujeitos que escapam do padrão considerado normal; Alertam sobre os riscos de ações pedagógicas baseadas em diagnósticos que supostamente definirão quem é esse sujeito como se o diagnóstico fosse apresentar alguma solução pedagógica para esse desconforto, o que pode levar a um ensino mecânico e coibir o processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Professor; Transtorno do Espectro Autista (TEA); TCC-Pedagogia; Educação Básica; Práticas Pedagógicas.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - TCCs sobre educação especial e TEA defendidos no Curso de Pedagogia da UFSC, entre 2013 a 2023	32
Gráfico 2 - Quantidade de orientações de TCCs por professores no curso de Pedagogia sobre Autismo	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - APÊNDICE A - Lista completa dos 55 TCCs defendidos no Curso de Pedagogia da UFSC com foco em Educação Especial	29
Quadro 2 - APÊNDICE B - Etapa 2- Bibliografia Sistematizada nos TCCs sobre Autismo, realizados nos anos de 2016 a 2023	34
Quadro 3 - TCCs da UFSC sobre Autismo que mencionam, professor, docente, auxiliar e profissional da educação	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
COVID-19	Doença por coronavírus 2019
DSM-5	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEN 2081 obrigatória	Departamento de Metodologia de Ensino e código da disciplina
RI	Repositório Institucional
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. BREVE DEFINIÇÕES CONCEITUAIS SOBRE O AUTISMO E SOBRE A POLÍTICA DE INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA.....	21
3. O ESTADO DO CONHECIMENTO NOS TCCs DE PEDAGOGIA NO CURSO DA UFSC NA ÁREA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL (2013-2023).....	26
4. ANÁLISE DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO: ABORDAGENS SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR E A FORMAÇÃO DOCENTE.....	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICES.....	61
APÊNDICE A - Quadro 1 – Lista completa dos 55 TCCS defendidos no Curso de Pedagogia da UFSC com foco em Educação Especial.....	61
APÊNDICE B - Quadro 2 - Etapa 2- Bibliografia Sistematizada nos TCCS sobre Autismo, realizados nos anos de 2016 a 2023.....	66

1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), vinculado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tem como objetivo compreender de que maneira aparece nos TCCs defendidos exclusivamente no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, o processo de escolarização, na educação básica, de estudantes com diagnóstico de TEA e o papel dos professores em relação a esses estudantes.

O interesse em pesquisar a temática da Educação Especial surgiu quando decidi ingressar na área da educação. Isso porque, no ano de 2015 até 2018, fui voluntária em um abrigo de acolhimento infantil, no qual, tive contato com algumas crianças com TEA. A partir disso, percebi a real necessidade de conhecer mais sobre o assunto e de refletir sobre como ocorre a inclusão desse grupo nas escolas regulares.

Ao realizar o estágio não obrigatório, denominada como “MEN 2081- Educação e Infância VI: Exercício da Docência nos Anos Iniciais”, no primeiro semestre do ano de 2023 na Universidade Federal de Santa Catarina, deparei-me com várias crianças diagnosticadas com TEA na escola, incluindo duas na sala onde estagiava. Não é adequado expor seus nomes, então vou chamá-las de estudante 1 e estudante 2. Despertando em mim a necessidade de compreender o contexto da família dessas duas crianças, se tinham apoio multidisciplinar e como a escola e a professora interpretavam esse diagnóstico, sobretudo como essas relações e atendimentos poderiam impactar o processo de aprendizagem e as relações sociais desses estudantes no ambiente escolar.

Durante conversas com a coordenação da escola, questionei sobre a estudante 1, que me informaram de forma rápida e sucinta que a criança morava com o pai e a avó e que estavam recorrendo aos recursos públicos aos quais têm direito, mas que ainda não tinha acesso aos atendimentos necessários. A estudante 2 tinha todo o suporte da família, inclusive o apoio multidisciplinar.

Observando o comportamento de ambas em sala de aula, era evidente a diferença. Cabe destacar aqui, que a minha intenção não é de comparação, visto que, cada criança possui suas especificidades e suas necessidades específicas sempre devem ser valorizadas e consideradas. Mas, neste tempo que estava na escola pude observar que a criança 2 participava ativamente da aula, sempre muito

atenta, socializava com os colegas, realizava as atividades propostas pela professora e mostrava apenas alguns sinais de incômodo quando a sala de aula ficava muito agitada, mas nada que a prejudicasse. Já a criança 1 não conseguia ficar muito tempo sentada, possuía dificuldade de comunicação, de interação social, e muitos comportamentos repetitivos e seletivos, e não mostrava interesse em realizar as atividades propostas pela professora.

Neste processo, pude perceber a importância do segundo professor/a qualificado para trabalhar em conjunto com a professora da sala, a fim de analisar e traçar quais são as principais estratégias para que o aluno possa se desenvolver. No meu estágio havia uma bolsista, que estava cursando a graduação de História, e que acompanhava a criança 1, e, apesar de se esforçar muito, não estava preparada para dar o apoio necessário a essa aluna. Muitas vezes a vi nos corredores chorando, triste e angustiada - o que também me deixava angustiada, pois estava prestes a me formar e não me sentia preparada para lidar com essas situações.

Sobre a formação que recebi, considero que não tive o suporte necessário durante toda minha graduação, uma vez que tive apenas duas disciplinas de educação especial, ofertadas mais no início do curso, e, no meu caso, tendo as cursado de forma remota na pandemia do COVID-19.

Quanto à professora, ela utilizava o mesmo planejamento de ensino para toda a turma, o que dava a entender que um planejamento diferenciado para a aluna 1 seria uma exclusão ao invés de uma inclusão. No entanto, a professora utilizava estratégias em todas as aulas para que conseguisse a atenção dessa aluna, como por exemplo o uso de muitas imagens coloridas, propostas com desenhos e materiais manipulativos. Além disso, sempre ao iniciar a aula, ela fazia um cronograma no quadro junto com todos os alunos, indicando todas as rotinas e combinados que teriam durante aquela tarde. Mesmo com todo o esforço e dedicação dessa professora, muitas vezes a criança 1 não demonstrava interesse. É importante ressaltar que isso pode ocorrer até com crianças típicas. E houve um incidente marcante com uma crise durante uma aula, onde, mesmo com a presença da coordenação, diretora e professora de educação especial, ninguém conseguiu entender o motivo da crise, resultando em uma tarde sem aula e levando todos os alunos e alunas para a brinquedoteca para acalmá-los.

Durante minha trajetória no estágio e acompanhando a aula dessa

professora, cheguei à conclusão de que em uma sala de aula com 25 alunos e alunas, o/a professor/a não consegue dar conta de toda a demanda e especificidades. No entanto, é importante ressaltar que isso refere-se a todos os estudantes e não apenas às turmas com estudantes com deficiência. E, apesar de todos os esforços da professora, não eram suficientes devido à falta de apoio e suporte necessário por parte da família da criança 1, e também a ausência do serviço de atendimento educacional especializado (AEE) na escola. Portanto, minha hipótese é de que, talvez, se a criança 1 tivesse todo o suporte como a estudante 2, e se a professora da turma tivesse uma gama de suporte e recursos adequado por parte da escola, para que em conjunto conseguisse ajudar a traçar estratégias pedagógicas e curriculares juntamente com a família, a criança em questão poderia ter progredido mais no seu processo de aprendizagem.

Foi este contexto acima que gerou interesse em estudar mais sobre o tema, para aprofundar no TCC, contribuindo no meu processo formativo.

O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas, pois, cada aluno possui a sua especificidade e isso sempre deve ser valorizado e considerado. Esse atendimento complementa em relação ao desenvolvimento do aluno/a, pois ele/a está recebendo o seu atendimento na classe comum, junto com os demais estudantes, ele/a recebe esse atendimento que irá complementar ou suplementar o seu desenvolvimento em relação ao processo de ensino e aprendizagem com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. (Brasil, 2008)

O AEE deve funcionar de uma maneira complementar ou suplementar para o aluno/a. Dentro desse atendimento serão disponibilizadas oportunidades para que esses alunos/as se desenvolvam de acordo com suas especificidades. O profissional qualificado vai trabalhar em conjunto com o professor/a da sala, para poder analisar e traçar quais são as principais estratégias para que o aluno/a possa se desenvolver. Por esse motivo, os profissionais devem ter especialização de forma em geral, em relação à educação inclusiva, o qual além das especificidades tão pontuais como o profissional só saber sobre educação visual, entre outras, e, que compreenda o processo educativo em seu sentido mais amplo. Por isto, a importância do profissional ter a qualificação em geral, para conseguir se adequar

às demandas que vão aparecer em relação ao dia a dia e rotina da instituição.

Embora o foco principal deste trabalho não esteja na educação infantil, é crucial considerar o impacto significativo que esse estágio inicial da vida escolar pode ter no desenvolvimento futuro da criança. A educação infantil representa não apenas o primeiro contato da criança com o ambiente escolar, mas também um período fundamental para a formação de habilidades cognitivas, sociais e emocionais essenciais. Portanto, acredito que explorar algumas considerações sobre a educação infantil ajudará a enriquecer a compreensão de como as experiências podem influenciar o percurso educacional e pessoal das crianças autistas ao longo da vida, e, que para o seu desenvolvimento é fundamental.

A educação infantil é a primeira etapa da jornada educacional da criança. Enquanto a educação especial é uma modalidade de ensino, que perpassa toda a educação nacional, independente da etapa ou nível de ensino e concentra-se na garantia do acesso e da participação de todos os alunos e alunas, independentemente se estes possuem ou não necessidades diferentes.

A Lei nº 9.394/96, mais conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), traz disposto em seu artigo 29, a Seção II – Da educação infantil, afirmando:

Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Brasil, 1996)

Segundo consta na LDBEN (Brasil, 1996) a educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até seis anos de idade, portanto, é nesse estágio que as habilidades físicas, psicológicas, intelectuais e sociais se desenvolvem e que terão impacto ao longo de toda a vida da criança. Pois é um ambiente que oferece experiências significativas impactando o desenvolvimento de suas competências e habilidades.

No entanto, para garantir que todas as crianças tenham acesso a essas oportunidades, é fundamental abordar a inclusão de alunos e alunas acompanhados da educação especial.

Quanto à educação especial o capítulo 5 da LDBEN 12.796 de 2013. faz referências à modalidade em seu artigo 58, § 1º, segundo o qual:

Art. 58 .Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede

regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

§1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, nos termos do caput deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei. (Brasil, 2013.)

Hoje a educação inclusiva é política pública estabelecida em nosso país, com ampla legislação Federal, Estadual e Municipal garantindo a todos os alunos/as o ingresso ao ensino comum em um agrupamento equivalente à sua faixa etária. A educação especial no Brasil é definida na LDBEN como uma modalidade de educação que percorre toda a educação básica e também a educação superior. É uma modalidade transversal, por fazer um atravessamento em todos os níveis, etapas e modalidades da educação atendendo principalmente as crianças com deficiências físicas, mentais, sensoriais, e as crianças com condutas atípicas que são as crianças que possuem transtornos globais do desenvolvimento, e além disso, os que possuem altas habilidades e os superdotados. (Kassar, 2011)

Segundo o Ministério da Educação (Brasil, 2008), a Política Nacional de educação especial na perspectiva da educação Inclusiva, reconhece que cada criança tem suas características individuais e que possuem suas próprias necessidades, habilidades e potencialidades. Ela enfatiza a importância de criarmos ambientes educacionais que se adaptem a essa diversidade, garantindo que nenhuma criança seja deixada para trás.

A inserção na escola regular de crianças com deficiência no Brasil ocorre desde o final dos anos 1970 na rede pública de ensino. A modalidade conhecida como integração, exigia que o aluno se adaptasse à rotina da sala de aula, aos métodos de ensino e também ao currículo da escola, que não sofria qualquer adaptação para acolhê-lo. Ademais, geralmente oriundo da escola ou da classe especial o estudante chegava na turma comum com uma grande defasagem de desenvolvimento de conhecimentos, além de todas as dificuldades inerentes à sua própria condição. (Mendes, 2006)

Contrapondo-se a esse cenário, no início dos anos de 1990, no auge dos grandes movimentos em prol dos direitos sociais das minorias, aconteceram uma

série de grandes conferências internacionais visando à ampliação do acesso da qualidade da educação para todas as pessoas, gerando a proposta que hoje nós conhecemos como educação para todos ou educação inclusiva. (Mendes, 2006)

Contrastando o modelo anterior, na educação inclusiva, não é mais o aluno/a que tem que se adaptar à escola, mas, sim, à escola adaptar-se junto com a família e a equipe multidisciplinar, garantindo assim o acesso e a permanência do aluno/a. Isto é, a participação em todas as atividades e mais importante, viabilizando a aprendizagem de todos os alunos/as, independentemente de suas condições físicas, socioculturais, econômicas, linguísticas e etc. (Guilherme; Becker, 2021)

Segundo Mantoan (2006) a educação inclusiva é a forma como os alunos/as são reconhecidos nos espaços escolares, levando-se em consideração fatores como: talentos, as deficiências e suas origens socioeconômicas e culturais. Quanto ao conceito de inclusão, pode ser compreendido, de acordo com Veiga-Neto (2011, p.126.), “como um conjunto de práticas sociais, culturais, educacionais, de saúde, entre outras, voltadas para a população que se quer disciplinar, acompanhar e regulamentar.”

Dentre esta modalidade da educação especial estão os alunos/as com Transtorno do Espectro do Autismo, que têm direitos garantidos pela Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012). Esta lei estabelece diretrizes e garantias para o acesso a serviços como a educação, a saúde, a assistência social e ao trabalho. No entanto, mesmo que a lei garanta isso, será que na prática, na escola ou em outros lugares, esses direitos são respeitados de verdade?

Vale ressaltar que o papel da família é fundamental e primordial no desenvolvimento da criança, seja ela diagnosticada com algum Transtorno Global do Desenvolvimento como o Transtorno do Espectro Autista ou não, ou sendo uma criança típica. É a família que conduz a criança para a escola e participa do seu desenvolvimento integral, influenciando as relações familiares, os valores e o entendimento das especificidades do comportamento da criança. Contudo, muitas vezes, a família não compreende ou não consegue os recursos de apoio necessários de uma equipe multidisciplinar, como acompanhamento fonoaudiológico, psicológico e terapia ocupacional, o que pode prejudicar o desenvolvimento dessa criança na escola.

A partir das explicações do contexto e informações apresentadas acima, este estudo busca responder às seguintes questões: o que os TCCs do curso de

Pedagogia da UFSC, nos dizem sobre o papel do/a professor/a na inclusão de estudantes com espectro do Autismo na educação básica? Que subsídios o/a professor/a pode encontrar para poder fortalecer a inclusão dos estudantes com Autismo? O que os TCCs do Curso de Pedagogia que tratam sobre o Autismo abordam sobre formação e trabalho docente? A relação família e escola dessas crianças são mencionadas nos TCCs? Como esses trabalhos descrevem o Autismo na escola e sobre as legislações que tratam do assunto?

O anseio dessa pesquisa é de apresentar elementos que possam provocar pequenas reflexões sobre a importância da necessidade da escola, do professor e da família, em compreender profundamente as questões que envolvem a educação inclusiva dessas crianças. Isso posto, apresenta-se como objetivo geral: Compreender de que maneira aparece nos TCCs do curso de Pedagogia da UFSC o processo de escolarização, na educação básica, de estudantes com diagnóstico de TEA, e qual o papel dos professores em relação a essas crianças. E dos objetivos específicos:

1. Conhecer, ainda que brevemente, a definição, história, e políticas educacionais voltadas a estudantes com TEA;
2. Identificar o que tratam os TCCs do curso de Pedagogia sobre Autismo;
3. Agrupar os TCCs do Curso que tratam do tema em questão.

A pesquisa realizada neste estudo, é de natureza qualitativa. Oliveira (2016) conceitua a pesquisa qualitativa como um processo de reflexão e análise da realidade que utiliza métodos e técnicas para compreender detalhadamente o objeto de estudo da pesquisa em seu contexto histórico.

Como procedimento metodológico, optou-se por realizar um levantamento bibliográfico, com um tipo de pesquisa chamado de “Estado do Conhecimento” (Santos; Morosini, 2021). Essa abordagem metodológica visa aprofundar o entendimento sobre o tema, explorando as contribuições da literatura acadêmica existente. Para Santos e Morosini, (2021, p. 125)

[...] Assim, o Estado do Conhecimento possibilita conhecer o que está sendo pesquisado e as abordagens utilizadas por cada área ou temática. Ainda assim, pode ser uma estratégia para ampliar o escopo sobre determinado tema de estudo, sendo esta uma maneira de também encontrar perspectivas que ainda não foram abordadas, pontos de vista que ainda não foram pensados e que podem ser inovadores para a realização de uma nova pesquisa.

As autoras enfatizam que a metodologia do Estado do Conhecimento, vai além de simplesmente fazer uma revisão bibliográfica. Isso significa que não basta apenas listar os trabalhos feitos sobre um determinado assunto, mas é importante analisá-los de uma forma mais profunda e organizada, para que se entenda melhor o que já se sabe sobre o assunto e quais contribuições futuras podem ser possíveis. Segundo as autoras citadas, é fundamental que o pesquisador adote critérios rigorosos ao realizar a seleção de publicações. Isso se justifica pela necessidade de garantir que a quantidade de fontes consultadas seja adequada para a aquisição de informações de relevância para a abordagem da temática da pesquisa.

Santos e Morosini (2021) explicam que a pesquisa Estado do Conhecimento se categoriza pelas seguintes etapas: Bibliografia Anotada, Bibliografia Sistematizada, Bibliografia Categorizada e Bibliografia Propositiva.

1. Bibliografia Anotada: Identificação e seleção, a partir da pesquisa por descritores, dos materiais que farão parte do corpus de análise.
2. Bibliografia Sistematizada: Leitura flutuante dos resumos dos trabalhos para a seleção e o aprofundamento das pesquisas, a fim de elencar os que farão parte da análise e escrita do Estado do Conhecimento.
3. Bibliografia Categorizada: Reorganização do material selecionado, ou seja, do corpus de análise e reagrupamento destes em categorias temáticas
4. Bibliografia Propositiva: Organização e apresentação de, a partir da análise realizada, proposições presentes nas publicações e propostas emergentes a partir da análise. (Santos; Morosini, 2021, p. 127)

Essas etapas incluem a definição do tema, a seleção das fontes, informações de coletas, análises dos dados e as “possíveis descobertas.” Ainda segundo as autoras:

Cada uma destas etapas será explorada e exemplificada, sendo importante frisar que estas compõem a metodologia do Estado do Conhecimento e precisam ser sistematicamente realizadas para que, ao final, seja perceptível o rigor científico despendido na pesquisa. Ainda assim, para iniciar a pesquisa é preciso definir o objetivo geral para a construção do Estado do Conhecimento, pois toda a pesquisa irá utilizar este objetivo como fio condutor da busca, exploração, seleção, sistematização, categorização, análise e construção do texto final do Estado do Conhecimento.’ (Santos; Morosini, 2021, p.127)

Apesar das quatro etapas, neste TCC seguiremos as três primeiras, pois a última se destina mais para pesquisas de mestrado e doutorado.

O Estado do Conhecimento possibilita a identificação e revisão de estudos anteriores relevantes, o que é fundamental para construir um quadro conceitual sólido e embasar as análises e discussões posteriores, contribuindo para a

construção do conhecimento acadêmico na área da educação inclusiva.

Para dar início a pesquisa na produção do Estado do conhecimento sobre o tema aqui tratado, fiz um levantamento de dados a partir de produções acadêmicas dos trabalhos de conclusão de curso (TCC) do curso de pedagogia da UFSC no repositório da instituição (RI), realizados nos anos de 2013 a 2023. Portanto, os TCCs do curso representam a empiria desta pesquisa.

Para a busca utilizamos as seguintes palavras-chave: Autismo, Autista, Educação Especial, Educação Inclusiva e Atendimento Educacional Especializado. Mapeamos 55 TCCs com os verbetes acima, a lista completa encontra-se ao final, no apêndice A. Em uma segunda triagem selecionei 15 TCCs que tratam do Autismo como tema central. Na seção seguinte detalharei mais elementos desses trabalhos.

Para além do exposto, neste estudo, foram usados como base teórica as obras de Bleuler (1911), Asperger (1944), Vygotsky (1984), Kanner (1997), Cavalcanti e Rocha (2001), Pimenta (2003), Mantoan (2006), Mendes (2006), Tamanaha, Perissinoto e Chiari (2008), Azevedo (2011), Kassar (2011), Veiga-Neto e Lopes (2011), Piana (2012), Oliveira (2016), MEC/SEESP (2017), Moral (2017), Barroso (2019), Guilherme e Becker (2021), Santos e Morosini (2021).

Por fim, o trabalho está estruturado para além desta primeira parte introdutória, nas que seguem:

- Na segunda seção apresenta-se definições conceituais sobre o Autismo e sobre a política de inclusão de estudantes com TEA;
- A terceira seção aborda uma síntese do estado do conhecimento nos TCCs de Pedagogia no curso da UFSC na área da educação especial, defendidos entre os anos 2013 a 2023;
- Na quarta seção apresenta-se as análises realizadas nos 15 TCCs investigando como o/a professor/a e a formação docente são mencionados nestes trabalhos;
- Na quinta seção apresenta-se as considerações finais.

2. BREVE DEFINIÇÕES CONCEITUAIS SOBRE O AUTISMO E SOBRE A POLÍTICA DE INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), de acordo com Silva (2012), é um transtorno do neurodesenvolvimento diagnosticado por volta de três anos de idade, e ocorre em uma ou duas a cada mil crianças que nascem, sendo mais recorrente em meninos do que em meninas. E, afeta diversas áreas do neurodesenvolvimento, sendo as principais a interação social, a comunicação social e alguns comportamentos estereotipados, repetitivos.

Encontramos no parágrafo 1º do artigo 1º da Lei, nº.12.754 de 27 de dezembro de 2012, também conhecida como Lei Berenice Piana¹, como características do TEA:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos. (Brasil, 2012)

O Transtorno do Espectro do Autismo tem sido objeto de estudo desde a década de 1940, com contribuições significativas de vários pesquisadores, incluindo Kanner (1943) e Hans Asperger (1944).

A palavra "Autismo" foi criada em 1911 pelo psiquiatra suíço Eugéne Bleuler (1911), que estudava a esquizofrenia. Ele se baseou na teoria da libido de Freud, segundo a qual, os seres humanos são construídos por palavras e libidos. Bleuler (1911), introduziu a causalidade psíquica na psiquiatria clássica, sustentando a tese do sujeito em relação à realidade como central nos sintomas esquizofrênicos. Ele inseriu o Autismo entre os distúrbios associados à esquizofrenia, conhecidos como os quatro "A" de Bleuler: distúrbios das associações, da afetividade, da ambivalência e do Autismo. Bleuler (1911), definiu o Autismo como uma perda parcial do contato

¹ Berenice Piana - foi uma grande ativista na luta dos direitos da pessoa com Autismo.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a política nacional de proteção dos direitos das pessoas com transtorno do espectro autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 22 de Jun. de 2024.

com a realidade, isolamento social e vivência do mundo das relações mais como aparência do que como realidade. (Barroso, 2019)

O "Autismo infantil precoce" foi introduzido e descrito em 1943, por um renomado psiquiatra e pesquisador, alemão chamado Leo Kanner, para descrever uma nova categoria clínica distinta da esquizofrenia. Alinhado com a epistemologia da clínica médica do século XX e utilizando uma metodologia descritiva dos fenômenos que buscavam dar voz à doença. Até então, as discussões sobre patologias psiquiátricas na infância eram incipientes, porém, os estudos de Kanner adquiriram uma enorme significância, disseminando-se na comunidade científica. Durante a fase inicial da "criação" do conceito, Kanner (1943) propôs os termos "Autismo" ou "distúrbio autístico do contato afetivo" para descrever uma condição que afetava crianças com características comportamentais bastante específicas. (Kanner,1997). E, que de acordo com (Tamanaha, Perissinoto e Chiari, 2008, p. 298) essas características incluíam perturbações nas relações afetivas com o ambiente, uma extrema necessidade ao isolamento, dificuldades na utilização da linguagem para a comunicação, a presença de notáveis habilidades cognitivas, uma aparência física atípica, comportamentos incomuns, início precoce e uma maior predominância entre o sexo masculino.

O estudo anterior evidenciou informações relevantes sobre o Autismo, e de acordo com Cavalcanti e Rocha (2001), as concepções apresentadas por Leo Kanner deixaram uma grande influência para as futuras pesquisas acadêmicas sobre o Autismo.

Azevedo (2011) ressalta que Kanner enfatizou a incapacidade das crianças em estabelecer conexões com pessoas e situações desde os primeiros momentos de suas vidas. O trabalho de Kanner descreveu diversas características notáveis, tais como: o olhar distante, a ausência de movimentos, a manifestação de comportamentos estereotipados, e a apatia em relação à própria imagem refletida no espelho, ou seja, a falta de reconhecimento do próprio corpo físico.

As características manifestadas por esse grupo de crianças, conforme documentado por Kanner (1943), também são confirmadas por Pimenta (2003), que acrescenta a observação da "solidão Autista", caracterizada como um estado de isolamento. Além disso, Pimenta (2003) ressalta a persistente ausência da função comunicativa na linguagem, mesmo em casos em que a linguagem verbal está presente.

Segundo a American Psychiatric Association (2014), o "Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais" (DSM-5) fornece diretrizes específicas para a classificação do TEA com base na gravidade dos sintomas. Ele inclui três níveis de gravidade: nível 1 (requer apoio), nível 2 (requer apoio substancial) e nível 3 (requer apoio muito substancial). Estes níveis ajudam a refletir a diversidade de sintomas e necessidades individuais das pessoas com TEA.

Ainda sobre os tipos, Moral (2017, p. 3) afirma que: "O Autismo pode ser classificado em grau leve, moderado ou severo, dependendo do apoio necessário que a pessoa precisa para realizar as atividades do dia a dia". Além disso, muitos profissionais e pesquisadores preferem não categorizar as pessoas com Autismo em tipos distintos, mas sim reconhecer a diversidade dentro do espectro e avaliar individualmente as necessidades e características de cada pessoa com TEA.

Muitas pessoas utilizam o termo em que o "Autista vive dentro de uma bolha." Eu particularmente não acho legal a utilização deste termo, visto que eles vivem de uma forma única, porque dentro do Autismo existem vários níveis, várias formas e estímulos e não estão isolados das relações, ainda que podem ter alguma dificuldade de se relacionar. Por esses motivos acima, é de extrema importância para esses alunos/as que a família, junto com uma equipe multidisciplinar e a escola busquem trabalhar em conjunto. Porém, sabemos que ao mesmo tempo é um trabalho árduo e difícil, inclusive por ser um tratamento longo e caro, e também, é preciso políticas públicas para que consiga o atendimento de toda a população com diagnóstico de TEA, podendo demandar muito tempo.

Segundo uma pesquisa feita pelo *JAMA Psychiatry*² em 2019, com 2 milhões de pessoas, de cinco países diferentes, mostra que cerca de 97% a 99% dos casos de Autismo têm causa genética, destes 81% são hereditários. Entretanto, pode acontecer de acordo com o ambiente em que a criança está inserida, mas ele também conta como a predisposição genética, que afeta o processo de informações do cérebro, que são justamente as partes da comunicação, alterando células nervosas e sinapizais que se conectam e se organizam.

A integração de alunos e alunas com TEA nas escolas regulares se tornou

² Traduzido do inglês - "JAMA Psychiatry é uma revista médica mensal revisada por pares, publicada pela American Medical Association. Abrange pesquisas em psiquiatria, saúde mental, ciências comportamentais e áreas afins." Disponível em:

<https://www.canalautismo.com.br/noticia/pesquisa-diz-que-autismo-e-97-genetico-81-hereditario/>.

Acesso em: 22 de Jun. de 2024.

uma prática comum, entretanto, sabemos que este é um grande desafio, mas ao mesmo tempo, também é uma grande oportunidade para promover a inclusão e a igualdade na educação, assim tornando o papel do professor essencial.

Segundo Kassar (2011) o indivíduo com Autismo têm o direito de se beneficiar de intervenções que possam, efetivamente, resultar na melhora em sua qualidade de vida. Por outro lado, é dever do poder público construir políticas públicas que visem resultados concretos, priorizando a utilização dos recursos públicos com intervenção científica comprovada.

De acordo com os dados do censo escolar da educação básica, atualizado no último ano de 2024, o Brasil conta com 607.144 crianças com TEA matriculadas nas escolas de um universo de 1.617.420 estudantes. Em Santa Catarina o Censo indica 34.085 e em Florianópolis 2.195. (Brasil, 2024)

Elas possuem o direito de inclusão, assim como toda criança que não faz parte desse grupo. Porém, sabemos que esse processo de inclusão não deve se restringir somente à escola. Além disso, torna-se difícil tratar sobre esse tema de inclusão escolar sem falarmos do apoio multidisciplinar, no qual uma equipe com diferentes profissionais pode oferecer suporte à essa criança, como também à inclusão da família, já que precisa estar comprometida durante todo o processo.

Vale ressaltar que, cada criança tem que ser analisada de acordo com a sua individualidade e, principalmente, por esse motivo, o professor/a deve receber o apoio dessa equipe multidisciplinar, para auxiliar a criança no processo de inclusão escolar. Nessa direção,

Com um olhar instrumentalizado e sensível, a partir do aluno, o professor estabelece seu trabalho. Ele descobre os recursos pedagógicos que deverão ser usados. O professor precisa descobrir quais habilidades – sociais e acadêmicas - seu aluno já possui e quais ele precisa adquirir. A partir daí escolher os materiais adequados. Sempre priorizando a comunicação e a socialização. (Cunha, 2011, p.13)

Como futura professora penso que é muito importante entender com maior profundidade os aspectos a partir de estudos e leituras dos avanços em diferentes áreas sobre o Autismo, além das problematizações e contradições que surgem sobre este tema. Isso poderá auxiliar as aulas e os processos de ensino e aprendizagem.

Visto que somos/seremos professores/as e não temos como negar a ciência, como podemos intervir? Possivelmente intervir de forma precoce como mencionado

anteriormente, porém de forma a ter um posicionamento significativo para aquela criança.

De acordo com Vygotsky (1984, p. 98), em relação aos processos de aprendizagem, explica que: “o que é desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã”. Ou seja, aquilo que a criança é capaz de fazer, pois seu nível de desenvolvimento permite essa futura e possível apropriação, é uma base de possibilidades para adquirir outros conhecimentos e experiências, juntamente com o ensino por parte do professor e as relações com seus pares, vai incorporando essas novas dimensões, em que ele será capaz de fazer sozinho amanhã. Portanto, o autor, entre muitas outras questões e relações, ressalta a necessidade de diferentes atividades pedagógicas e de estudo com formas interativas, por exemplo, jogos e brincadeiras que são fundamentais e importantes no processo de aprendizagem dos alunos/as com Transtorno do Espectro do Autismo.

3. O ESTADO DO CONHECIMENTO NOS TCCS DE PEDAGOGIA NO CURSO DA UFSC NA ÁREA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL (2013-2023)

Esta seção tem como objetivo apresentar o Estado do Conhecimento de trabalhos vinculados ao Autismo no repositório de TCC do curso de Pedagogia na UFSC.

Sobre o procedimento metodológico do Estado do Conhecimento, Santos e Morosini (2021, p. 142) ressaltam que:

Para além do levantamento das publicações, objetiva-se a compreensão de um determinado campo de conhecimento, através da bibliografia anotada, sistematizada e categorizada, ou seja, mapeia-se e analisa-se o que as produções de uma determinada ordem, num determinado período e território, produziram de forma científica. Buscando ir mais além da compreensão do campo científico e, numa perspectiva epistemológica de orientação, ocorre uma quarta etapa, denominada de Propositiva que, tal como seu título designa, estabelece proposições a partir dos resultados apontados no corpus de análise selecionado.

Para esta pesquisa, fez-se uma busca no site de Repositório Institucional (RI) de TCC da UFSC, mapeando apenas as produções acadêmicas, exclusivamente do curso de Pedagogia. Após o levantamento constatamos que os TCCs datam de 2013 a 2023. Ou seja, não foi utilizado nenhum recorte nos anos de pesquisa.

A data inicial dos registros dos TCC se deve ao fato de que este tipo de trabalho no Curso passou a ser obrigatório a partir da reforma nacional nos cursos de Pedagogia de 2006, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Pedagogia, licenciatura, com a Resolução n. 1/2006. No Curso da UFSC, essa reforma foi implementada a partir do primeiro semestre de 2009 e foi no ano de 2013 que começaram a ocorrer obrigatoriamente as defesas de TCC no curso de Pedagogia.

No RI a pesquisa foi realizada utilizando as seguintes palavras-chave: Educação Inclusiva, Educação Especial, Autismo, Autista e Atendimento Educacional Especializado. Nos trabalhos que não eram exclusivos sobre TEA buscamos no interior do texto se abordava sobre o tema aqui estudado. Relembrando que o objetivo dessa pesquisa é compreender o que os trabalhos nos indicam para pensar o papel do/a professor/a na inclusão dos alunos/as com TEA na educação básica.

O primeiro momento da pesquisa foi criar uma planilha de mapeamento de dados, seguindo a seguinte etapa de busca: No site RI/UFSC, foi acessado a comunidade “Trabalhos acadêmicos” na sequência, escolhendo a opção “Trabalhos de conclusão de curso de graduação” e por último, “TCC Pedagogia.”

Todos os trabalhos encontrados foram tabulados em uma planilha, subdivididas entre palavras-chaves. Para mapear as seguintes informações: classificação de todos os trabalhos por um número, ano da defesa, autor(a), título, orientador(a), coorientador(a), palavras-chave usadas no resumo, observações sobre o TCC, classificação por temática abordada.

No primeiro levantamento, totalizando em 137 TCCs, que por palavras-chave, sem triagem, cheguei ao seguinte resultado:

- Educação especial foram encontrados 90 TCCs;
- Educação Inclusiva foram encontrados 12 TCCs;
- Autismo foram encontrados 10 TCCs;
- Autista foram encontrados 13 TCCs;
- Atendimento Educacional Especializado foram encontrados 12 TCCs;

Porém, ao separá-los em tabelas, notou-se que 40 TCCs estavam fora do recorte, ou seja o sistema puxou esses dados mesmo não sendo do próprio tema de pesquisa, também encontramos 5 TCCs com erro na data da defesa e duplicados no sistema, e, por fim, por usarmos diferentes palavras-chave, 42 trabalhos se repetiam, portanto, no recorte definido de 2013 a 2023, dez anos, foram localizados e mapeados 55 TCCs distintos sobre educação especial no curso de Pedagogia – que encontra-se no quadro disponível no Apêndice A deste trabalho.

No entanto, o foco desta pesquisa serão apenas os trabalhos que tratam sobre o Autismo, o que corresponde a 15 TCCs dos 55 acima mencionados.

Para detalhar como chegamos nesses trabalhos, seguimos a primeira etapa da metodologia do Estado do Conhecimento. Como mencionamos, Santos e Morosini (2021) conceituam que a Bibliografia Anotada consiste na anotação dos trabalhos que versam sobre os critérios de seleção estabelecidos. Estes critérios são aqueles estabelecidos nos objetivos do estudo, os quais devem conter os descritores (palavras ou termos de busca.) Para isto, foram criadas duas categorias específicas: “Classificação por Tema Central do TCC” e “Classificação por Deficiência Abordada no TCC”. Para realizar essa classificação, seguimos os

seguintes procedimentos metodológicos:

1. Leitura do título, resumo e palavras-chave em busca do Autismo.
2. Utilização da combinação de teclas “Ctrl + F” para procurar as palavras-chave “Autismo” e “Autista.”

A definição da categoria “Classificação por Tema Central do TCC” foi estabelecida ao delimitar qual era o foco da pesquisa. Por exemplo, se a pesquisa tinha como principal objetivo a inclusão escolar, o ensino, a aprendizagem ou a escolarização, o trabalho pedagógico e práticas pedagógicas, a formação de professores e/ou o trabalho docente. Essa definição foi baseada na presença do tema no título, nas palavras-chave e também quando a temática estava nítida no resumo. Para a categoria “Classificação por Deficiência Abordada no TCC” foi estabelecida quando encontramos as expressões “Autismo” ou “Autista” no corpo do texto ou nas palavras-chave. Foram mapeados 15 TCCs deste grupo, conforme vemos no quadro abaixo:

Quadro 1 - TCCs defendidos no Curso de Pedagogia da UFSC com foco em Autismo, 2016-2023.

Ano	Título	Autora	Orientador e coorientador
2016	Diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e práticas pedagógicas: qual a influência? O que ele diz aos professores? O que ele define?	Camila Cristina Beppler	Ana Carolina Christofari
2016	A transição da educação infantil para os anos iniciais da vida de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma escola privada	Caroline Heil Mafra	Maria Sylvia Cardoso Carneiro
2016	As produções acadêmicas sobre Autismo no Brasil: possíveis compreensões	Jerusa de Cacia Dutra	Maria Helena Michels
2016	Eixos norTEAadores das ações pedagógicas na educação infantil para a criança com Autismo na produção acadêmica da área da Educação Especial	Joyce Santos da Silva	Maria Helena Michels.

2016	A trajetória escolar de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma Escola Pública Federal em Florianópolis - SC	Josete Burda Andrade	Maria Sylvia Cardoso Carneiro
2016	As contribuições de professores e familiares de sujeitos com Transtorno do Espectro Autista na educação infantil	Anna Carolina Cardias	Maria Helena Michels
2018	A criança com Autismo no ensino comum: desafios no processo de inclusão escolar	Tayse Paulino dos Passos	Ana Carolina Christofari,
2019	A representação do Autismo na mídia: os discursos produzidos	Larissa Royer Salvador	Ana Carolina Christofari
2019	Formação continuada de professores no estado de Santa Catarina sobre o Transtorno do Espectro Autista	Bruna Jochem,	Maria Sylvia Cardoso Carneiro
2020	A formação de professores de educação especial e a escolarização dos sujeitos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	Aline Furtado	Maria Helena Michels
2022	Fatores que interferem na educação escolar dos Estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Escola Regular nas produções acadêmicas	Xênia Regina da Silva	Maria Helena Michels
2022	Práticas Pedagógicas desenvolvidas com estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na produção acadêmica brasileira	Rafaela Machado Almeida,	Maria Helena Michels
2022	A música na educação escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	Jessica Sohn Rodrigues	Maria Helena Michels
2023	Acompanhamento Terapêutico e Educação Especial: Interface entre saúde e educação	Aline Cardoso Pôrto	Ana Carolina Christofari
2023	Os métodos TEACCH, ABA e PECS e as possíveis contribuições para a avaliação pedagógica de estudantes com Transtorno do Espectro Autista	Christiane Vieira Nascimento	Maria Helena Michels

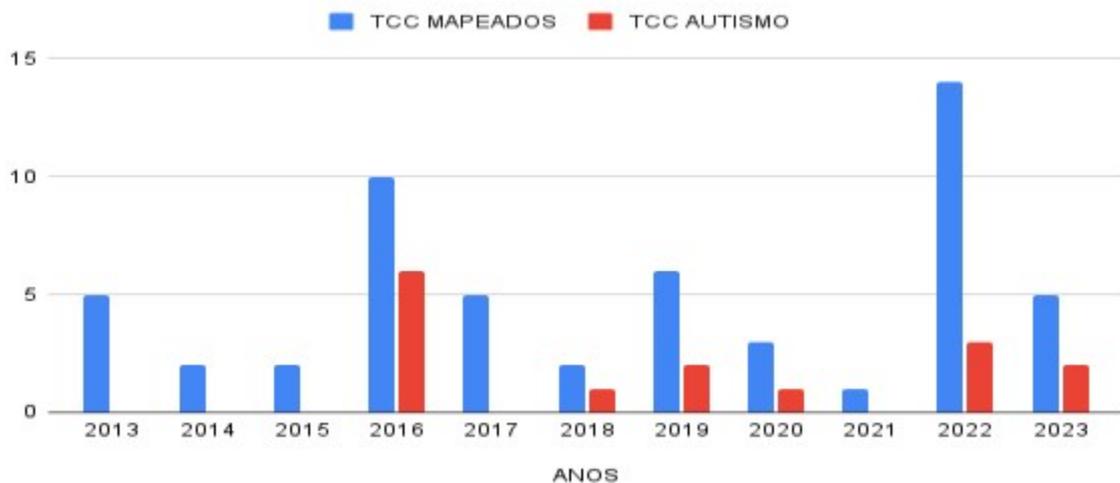
Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa realizada no RI/UFSC (2024)

Perante o exposto no quadro 1, ficamos curiosas para descobrir em qual ano as pessoas pesquisaram mais sobre o Autismo. Queríamos saber se o interesse era crescente ou decrescente. Ainda sobre a bibliografia anotada, Santos e Morosini (2021, p. 133) definem que:

A Bibliografia anotada oferece o cenário – dados demográficos – contexto sobre o material a ser analisado, por exemplo, quantos foram publicados por região, por ano, por programa, quais as palavras-chave mais recorrentes, etc.

Para isto, fizemos um gráfico mostrando quantos trabalhos de conclusão de curso foram pesquisados entre 2013 a 2023. Juntamente com os 55 trabalhos sobre educação especial que mapeamos no início, e selecionamos os 15 trabalhos que tratavam apenas sobre o Autismo. Conforme mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 1- TCCs sobre educação especial e TEA defendidos no Curso de Pedagogia da UFSC, entre 2013 a 2023.



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa realizada no RI/UFSC (2024)

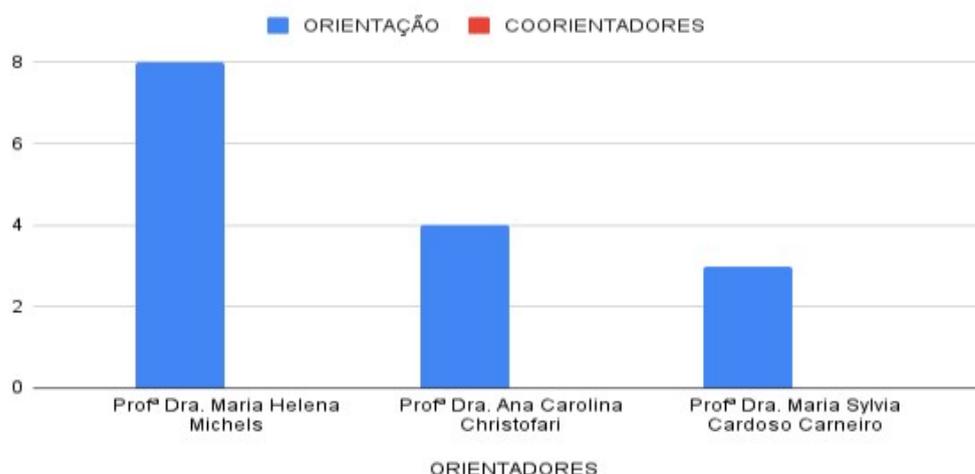
Com base nos dados apresentados, podemos observar um crescimento nas pesquisas sobre o Autismo ao longo dos anos estudados. Em alguns anos específicos, como 2016, 2018, 2019, 2022 e 2023, houve um aumento significativo no número de pesquisas sobre o Autismo em relação ao total de pesquisas realizadas. Embora haja algumas variações em determinados anos.

No ano de 2016, ocorreram seis pesquisas sobre o Autismo. Uma hipótese para este aumento significativo de pesquisas nos últimos anos é o aumento no

número de crianças diagnosticadas com transtornos do espectro autista. O pós DSM-V ampliou as formas de diagnóstico, e, com isso, o Autismo tem sido frequentemente abordado pela mídia, seja em reportagens, documentários, filmes ou séries, o que tem aumentado o interesse do público acadêmico sobre o assunto. E, por conseguinte, levando a uma maior conscientização, buscando entender melhor suas causas, características e formas de intervenção.

Ao iniciar a busca dos trabalhos levantamos as seguintes questões: Todas as pesquisas são do mesmo orientador? Quantos orientadores diferentes aparecem nos TCCs? Quantos TCCs tiveram coorientadores? Quantos coorientadores diferentes? Quantos se repetem? Quantos TCCs são de autoria feminina? Quantos são de autoria masculina? Pelo quadro 1 temos elementos para responder essas questões e os seguintes resultados foram obtidos conforme mostra os gráficos 2:

Gráfico 2 - Quantidade de orientações de TCCs por professores no curso de Pedagogia sobre Autismo:



Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa realizada no RI/UFSC (2024)

Em face do exposto no quadro 1 e detalhado no Gráfico 2, foram identificados 3 orientadores diferentes. E, constatou que nenhum TCC sobre Autismo no Curso teve coorientação.

Dos 15 TCCs sobre Autismo identificados, todos foram elaborados por mulheres. Levanta-se um questionamento: Porque apenas mulheres pesquisaram sobre o Autismo? Uma hipótese seria que o curso de Pedagogia da UFSC é

predominante frequentado por mulheres.

Para facilitar a compreensão dos assuntos abordados nos TCCs, no próximo quadro, apresenta-se um conjunto de informações mapeadas nos trabalhos onde é possível saber mais sobre eles. Assim, seguindo a metodologia do Estado do Conhecimento, passamos para a segunda etapa deste tipo de pesquisa, chamada de Bibliografia Sistematizada, que é o foco principal deste trabalho.

Sobre esta etapa, Santos e Morosini (2021, p 134.) vão explicar que:

A Bibliografia Sistematizada é a relação dos trabalhos de teses/dissertações ou artigos a partir dos seguintes itens: número do trabalho, ano de defesa, autor, título, nível, objetivos, metodologia e resultados. Nessa etapa já se inicia a seleção mais direcionada e específica para a temática objeto da construção do conhecimento e outros indicadores de acordo com o objeto de estudo do pesquisador.

Para criar a Bibliografia Sistematizada, é necessário fazer uma leitura inicial dos trabalhos que fazem parte da Bibliografia Anotada, fazendo o que elas chamam de "leitura flutuante". Santos e Morosini (2021) enfatizam que, para tal, é realizada a leitura dos resumos para verificar a adequação da publicação ao objetivo do Estado do Conhecimento proposto. Caso algum dos trabalhos constantes na Bibliografia Anotada, após a leitura flutuante do resumo, não esteja alinhado ao objetivo proposto no estudo, este trabalho não deve ser inserido na tabela da Bibliografia Sistematizada. Devido a extensão do quadro optei por deixá-lo na íntegra no Apêndice B e aqui colocar o início do quadro para se ter uma ideia de que informações tabulei nos TCCs neste momento da pesquisa.

Quadro 2 - Etapa 2- Bibliografia Sistematizada nos TCCs sobre Autismo, 2016-2023.

Nº	Ano	Autora	Título	Objetivos	Metodologia	Resultados
1	2016	Camila Cristina Beppler	Diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e práticas pedagógicas: qual a influência? O que ele diz aos professores? O que ele define?	Apreender as teóricas pedagógicas que perpassam as concepções de prática pedagógica na formação inicial dos professores de educação especial.	Bibliográfica	Com a análise dos documentos, evidenciamos que em sua maioria, as formações de professores ainda estão sendo baseados pela Pedagogia Tecnicista, onde se nota ênfase no desenvolvimento de técnicas para se desenvolver o processo de ensino e aprendizagem. O que nos faz compreender que existe um esvaziamento teórico no ensino.

2	2016	Caroline Heil Mafra	A transição da educação infantil para os anos iniciais da vida de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma escola privada	Compreender o processo de transição da educação infantil para os Anos Iniciais na vida de uma criança com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma escola privada da Grande Florianópolis.	Pesquisa de campo, entrevistas e bibliográficas	Nesse estudo encontrei, até o momento, uma perspectiva positiva em todo processo de inclusão escolar de João. Uma expectativa identificada é quanto à interação do João referente à mediação da professora no futuro. Hoje uma estratégia pedagógica é utilizada para facilitar sua inclusão escolar é a mediação. Todas as crianças quando entram no ensino fundamental precisam de mediações, de estratégias que possam contribuir com o desenvolvimento da dimensão estética, da criatividade, da imaginação, da fruição. Essas dimensões não são inatas, ao contrário, elas são constituídas culturalmente, nas relações que os sujeitos estabelecem com outros sujeitos. Referente à transição da educação infantil para os Anos Iniciais previsto como objetivo da pesquisa considerou-se realizada até o momento com sucesso.
---	------	---------------------	--	--	---	--

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa realizada no RI/UFSC (2024)

Diante do exposto no Quadro 2, surgiu a necessidade de investigar algumas questões. Como por exemplo: Qual o principal objetivo do trabalho? Quais textos e autores foram selecionados? Qual foi a sua fonte principal? Como estão organizados os sumários?

Na sequência, procedo com uma breve síntese de cada texto. Ao final, faço algumas sínteses ressaltando o que todos esses trabalhos possuem em comum.

O TCC **Diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e práticas pedagógicas: qual a influência? O que ele diz aos professores? O que ele define?** (Beppler, 2016), foi realizada uma pesquisa qualitativa, para isso, ela selecionou textos que tratavam sobre temas relacionados à prática de ensino, Autismo e diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista. A fonte principal de sua pesquisa foi o site da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), com foco nos Grupos de Trabalho (GT) específicos: GT07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos e GT15 – Educação Especial. Dentre esses

grupos, Beppler (2016) optou por analisar os textos do GT 15, por ser o único que tratava diretamente das relações entre educação especial, prática pedagógica e Autismo. Ela selecionou 24 textos apresentados entre os anos de 2000 e 2017. Além disso, ela utilizou os recursos da ANPEd, e o site *Scielo* também foi utilizado como fonte de pesquisa bibliográfica. O principal objetivo da pesquisa de Beppler, foi analisar de que maneira o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista impacta e afeta a forma como os professores conduzem suas práticas de ensino, bem como compreender a maneira como esses profissionais interpretam esse diagnóstico. No decorrer da análise, Beppler buscou entender as percepções, desafios e necessidades enfrentadas pelos professores ao lidar com alunos diagnosticados com TEA. O que pode estar relacionado à falta de recursos e metodologias específicas para contribuir com essas crianças, destacando uma sensação de falta de preparo. O sumário de Beppler está estruturado em 7 capítulos, fornecendo uma fácil compreensão relacionada ao diagnóstico de TEA e suas implicações nas práticas pedagógicas e na inclusão escolar.

Outro TCC que aborda de forma central a compreensão da relação entre instituição escola e família no contexto educacional de uma criança Autista é o de Cardias (2016), que traz como título **As contribuições de professores e familiares de sujeitos com Transtorno do Espectro Autista na educação infantil**. A metodologia utilizada no trabalho consistiu em uma abordagem qualitativa. Para atingir este objetivo, ela realizou diversas etapas. Primeiramente, foi conduzido um levantamento bibliográfico em duas revistas especializadas em Educação Especial, para melhor compreensão das produções acadêmicas sobre a relação entre família e instituição de educação infantil. Além disso, Cardias utilizou alguns documentos da Rede de Ensino do município de São José e da instituição de educação infantil, para uma melhor compreensão do contexto da relação família-escola. Cardias (2016) também utilizou e aplicou questionários às professoras e auxiliares de sala, para coletar dados empíricos, além de uma entrevista semi-estruturada realizada com a mãe de uma criança Autista. Esses instrumentos para Cardias foram elaborados com o intuito de analisar as percepções e entendimentos das partes envolvidas sobre a dinâmica dessa relação. Por fim, a autora observou que a análise dos dados coletados permitiu uma compreensão mais aprofundada da abordagem adotada pela Rede Municipal de São José em relação à participação da família, bem como das percepções e

desafios enfrentados tanto pela instituição quanto pela família da criança Autista. O sumário de Cardias está estruturado em 3 capítulos. A partir dessa análise, percebe-se que a pesquisa segue uma estrutura padrão, começando com a introdução, seguida por uma revisão teórica sobre o tema, uma apresentação dos dados empíricos coletados e, por fim, as considerações finais.

Na mesma direção, tem-se o TCC **A formação de professores de educação especial e a escolarização dos sujeitos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)** de autoria de Furtado (2020). Nesta pesquisa o objetivo foi analisar as concepções pedagógicas presentes na formação de professores em relação ao TEA, e, também de compreender as orientações pedagógicas oferecidas para o trabalho com esses alunos. Além disso, ela também pesquisou como a escolarização do sujeito com TEA é abordada nos cursos de licenciatura em Educação Especial. Para alcançar os objetivos propostos, Furtado (2020) utilizou uma abordagem metodológica que envolveu dois procedimentos principais: a realização de um levantamento bibliográfico nas bases de dados do BDTD e do *SciELO*, buscando por pesquisas relacionadas à formação de professores em educação especial e o TEA; analisou as documentações dos cursos de Licenciatura em Educação Especial, mais especificamente os Projetos Pedagógicos de Cursos (PPCs). Seu primeiro procedimento foi pesquisar sobre a formação de professores em relação ao TEA e ao Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD). No segundo procedimento, analisou os PPCs de cinco cursos de licenciatura em Educação Especial oferecidos por diferentes instituições de ensino superior. A partir da análise dos PPCs, ela buscou responder seus objetivos que eram: O perfil de egresso e as disciplinas relacionadas ao TEA presentes em suas matrizes curriculares, analisando os conteúdos tratados e os referenciais bibliográficos utilizados. Diante dos resultados obtidos por ela, concluiu-se que há uma lacuna na formação de professores em relação ao TEA. Portanto, Furtado (2020), afirma que é fundamental que sejam desenvolvidas estratégias de formação mais abrangentes e específicas, preparando os professores para atuar de forma capacitada e inclusiva com estudantes com TEA, garantindo assim o seu desenvolvimento educacional e social. O sumário de Furtado está estruturado em 3 capítulos que abordam diferentes aspectos da formação de professores em educação especial e a relação com o TEA.

Ainda sobre a formação de professores, foi encontrado o TCC **A Formação**

continuada de professores no estado de Santa Catarina sobre o Transtorno do Espectro Autista (Jochem, 2019). A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando procedimentos metodológicos centrados na análise documental e no levantamento de produções acadêmicas. Jochem pesquisou textos que discutem a formação continuada em educação especial, utilizando descritores relacionados a essa temática. Também, realizou uma análise documental dos registros dos cursos e capacitações oferecidos pela Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE) no período de 2010 a 2018. Jochem utilizou referenciais de autores especializados na formação continuada de professores, no conceito e escolarização de sujeitos com Transtorno do Espectro Autista, bem como na trajetória educacional de pessoas com deficiência. Para a autora a análise desses documentos e produções acadêmicas visou compreender as ações de formação propostas pela FCEE e suas repercussões na prática docente. O sumário de Jochem está estruturado em 4 capítulos. No capítulo 1 é descrito sobre a formação de professores em educação especial no Brasil, dividido em duas seções que tratam do balanço de produções sobre formação continuada em educação especial, analisando dados do *SciELO* e da CAPES. O capítulo 2 apresenta um breve histórico do TEA e aborda o atendimento educacional e a escolarização de alunos com TEA. O capítulo 3 analisa as formações promovidas pela Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE) com foco no TEA, enquanto o capítulo 4 traz as considerações finais do estudo.

O TCC **Práticas Pedagógicas desenvolvidas com estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na produção acadêmica brasileira** é da egressa Almeida (2022). Foi realizada uma revisão de base bibliográfica em artigos acadêmicos sobre TEA e Autismo na base de dados do *Scielo*, entre os anos de 2008 e 2021, identificando 272 trabalhos, dos quais 80 estavam relacionados à educação. A partir da análise desses trabalhos, Almeida focou em entender as práticas pedagógicas voltadas para crianças com TEA, encontrando apenas 6 artigos que tratavam especificamente dessas práticas. A autora percebeu que há pouca produção sobre práticas pedagógicas para crianças com TEA. Criticando que os artigos existentes tendem a focar mais na inclusão dessas crianças na escola do que em como ensiná-las. Além disso, as práticas pedagógicas descritas nos artigos consideravam apenas as condições individuais dos estudantes com TEA, o que em seu ponto de vista pode não ser suficiente para

garantir uma educação de qualidade para esse grupo de crianças. O sumário do trabalho, está estruturado em 3 capítulos, sendo que o primeiro trata sobre o TEA em geral, o capítulo 2 sobre o que já foi escrito sobre TEA, especialmente na área da educação, e por fim, discute as práticas pedagógicas encontradas nos artigos.

No TCC **Eixos norteadores das ações pedagógicas na educação infantil para a criança com Autismo na produção acadêmica da área da Educação Especial**, de autoria de Silva (2016), a metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica. O objetivo da pesquisa era entender quais são as melhores formas de ensinar crianças com Autismo na educação infantil, usando informações de artigos acadêmicos e outros trabalhos disponíveis no *Scielo*, nas Reuniões Anuais da ANPEd, no banco de teses da CAPES e no Google Acadêmico, entre o ano 2008 e 2015. Para a autora, a análise mostrou que as ações pedagógicas importantes para crianças com Autismo na educação infantil incluem aspectos como organização do tempo e espaço, interações e brincadeiras. Também mostrou que muitas vezes o foco está mais no diagnóstico do que nas necessidades individuais das crianças e que há uma ideia de que a educação infantil e a educação especial possuem objetivos diferentes quando se trata de ações pedagógicas. O sumário do trabalho, está estruturado em 3 capítulos, sendo que no capítulo 1 é tratado alguns apontamentos da educação infantil e da educação especial; no capítulo 2 é descrito as ações pedagógicas nas produções acadêmicas, e por fim, o capítulo 3 traz a organização do tempo, e do espaço, interações e brincadeiras como eixos norteadores das ações pedagógicas.

Na mesma direção do TCC anterior, temos o TCC **A criança com Autismo no ensino comum: desafios no processo de inclusão escolar**, de Passos (2018). A metodologia usada nesta pesquisa foi qualitativa. A autora buscou investigar como as escolas lidam com a inclusão de crianças com Autismo, especialmente através de estudos apresentados em reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Além disso, utilizou suas próprias experiências como auxiliar em uma turma com uma criança Autista para ajudar a entender os desafios que os professores enfrentam. A análise dos estudos apresentados na ANPEd, especialmente no grupo de trabalho da área da Educação Especial, mostrou que muitas vezes os professores se sentem despreparados para lidar com a inclusão e que há pouca discussão sobre como tornar a educação mais inclusiva. O objetivo desta pesquisa foi analisar e discutir

as experiências de inclusão de crianças com Autismo nas escolas comuns. A autora queria entender como as escolas lidam com crianças que não se encaixam no padrão e como os professores se sentem em relação a isso. Destacou a importância de uma formação mais adequada para os professores lidarem com a diversidade na sala de aula e proporcionar uma educação que valorize as singularidades de cada aluno. Os resultados da pesquisa mostraram que muitos professores se sentem despreparados e que há pouca discussão sobre práticas de inclusão dentro das escolas. O sumário do trabalho, está estruturado em 3 capítulos, sendo que no capítulo 1 aborda breve história da educação especial e perspectiva da inclusão escolar; no capítulo 2 traz a relação do professor e a inclusão de alunos com TEA; e, por fim, no último, as produções acadêmicas nas reuniões da ANPEd sobre práticas pedagógicas com crianças com TEA.

Sobre a transição da educação infantil para os anos iniciais, temos o TCC **A transição da educação infantil para os anos iniciais da vida de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma escola privada**, de autoria de Mafrá (2016). A metodologia usada neste trabalho foi de base bibliográfica e pesquisa de campo, com entrevistas. O objetivo da pesquisa foi entender como é o processo de transição da educação infantil para os Anos Iniciais para uma criança com Autismo em uma escola particular na Grande Florianópolis. Para isso, a autora entrevistou a mãe da criança, a criança e três professoras da escola que ela frequentava. Além disso, pesquisou informações sobre o Autismo, desde o diagnóstico até a inclusão de crianças com Autismo na escola, utilizou como base os autores Leo Kanner, Hans Asperger e outros. Apresentou um estudo detalhado do caso dessa criança, descrevendo os aspectos que facilitaram ou dificultaram a inclusão dela na escola, os avanços em seu desenvolvimento e suas interações com colegas e adultos. A pesquisadora concluiu que a transição da educação infantil para os Anos Iniciais foi bem-sucedida para essa criança, com uma perspectiva positiva em todo o processo de inclusão escolar. O sumário do trabalho, está estruturado em 3 capítulos, com breve contextualização histórica do Autismo, destacando as características de crianças com TEA no capítulo 1; no capítulo 2 a inclusão escolar de crianças com TEA; e, por fim, no 3º, o estudo de caso: a inclusão de uma criança com TEA no ambiente escolar.

O segundo da mesma temática tem como título **A trajetória escolar de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma Escola Pública**

Federal em Florianópolis - SC, e é de autoria de Andrade (2016). Neste TCC a pesquisa teve como metodologia de base bibliográfica, documental e pesquisa de campo, com entrevistas. O objetivo da pesquisa foi apresentar e discutir como esse aluno está sendo educado, considerando as estratégias pedagógicas utilizadas para mantê-lo na sala de aula e interagindo com os colegas e professores. Para isso, a autora se baseou em diferentes autores, como: Belisário e Cunha (2010), Baptista e Bosa (2002), Cunha (2012), Cunha (2013) e também analisou as leis educacionais vigentes. Além disso, ela entrevistou pessoas envolvidas no processo de escolarização desse aluno para entender melhor se estava sendo apoiado em seu ambiente escolar. As entrevistas possibilitaram para a autora perceber elementos importantes do processo de escolarização e estratégias pedagógicas para que o aluno com TEA fique cada vez mais em sala de aula e não se disperse das atividades orais e escritas. O sumário do trabalho, está estruturado em 3 capítulos, tendo no capítulo 1 o referencial teórico, aspectos gerais do Transtorno do Espectro Autista, diagnóstico do TEA, relacionamento da família, escola com a criança, legislação e políticas atuais e a inclusão escolar do aluno com TEA; no capítulo 2 o processo de escolarização de um aluno com TEA em uma escola pública e federal de Florianópolis; no 3º a pesquisadora trouxe a história do aluno e os aspectos do processo de escolarização.

Outro TCC do mesmo grupo temático é o TCC **Fatores que interferem na educação escolar dos Estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Escola Regular nas produções acadêmicas**, realizado por Silva (2022). A metodologia usada neste trabalho foram as produções encontradas em um levantamento bibliográfico, que utilizou o banco de dados da *Scielo*. A autora complementou esse levantamento buscando mais produções até maio de 2022. Com isso, obteve um total de 80 produções, que foram analisadas em 16 categorias, como Inclusão, Comunicação, Escolarização, entre outras. A análise da autora, mostrou que há pouca discussão sobre como os estudantes com TEA aprendem na escola, cabe destacar que nem todas as crianças com TEA aprendem da mesma maneira, indicando a necessidade de mais pesquisas sobre o tema. O sumário do trabalho, está estruturado em 2 capítulos, no capítulo 1 aborda o Transtorno do Espectro Autista: sua história e sua escolarização e no capítulo 2 traz as produções acadêmicas referente ao TEA na educação.

Por sua vez o TCC **As produções acadêmicas sobre Autismo no Brasil:**

possíveis compreensões, de Dutra (2016), a metodologia usada neste trabalho foi de base bibliográfica, a autora analisou as pesquisas acadêmicas disponíveis sobre Autismo no Brasil, no período de 2008 a 2015. Utilizou os seguintes bancos de dados: ANPEd, CAPES e *Scielo* usando palavras-chave como "Autismo" e "Transtorno Global do Desenvolvimento". Selecionou os resumos das produções relacionadas à área da educação e crianças autistas, totalizando 41 trabalhos. Categorizando essas produções em diferentes áreas, como ensino, características individuais, psicologia, políticas, entre outras, e focou principalmente na categoria de ensino. A autora concluiu que a maioria dos artigos se concentra na área educacional, mas poucos identificam o nível de ensino, sugerindo uma generalização das necessidades das pessoas Autistas em diferentes idades e contextos de ensino. Observou um grande envolvimento da área da saúde e da psicologia nas pesquisas, com a maioria usando entrevistas e observações como métodos de pesquisa. A partir dessas produções, a autora percebeu que o Autismo é frequentemente visto como definidor da identidade e do desenvolvimento das pessoas, sem considerar suas individualidades e necessidades específicas. O sumário do trabalho, está estruturado em 3 capítulos, sendo que no 1º aborda o Autismo e algumas indicações; no capítulo 2 traz as produções sobre o Autismo referente ao ensino; e, por fim, no 3º analisa as produções pedagógicas.

Acerca da temática de acompanhamento terapêutico o TCC **Acompanhamento Terapêutico e Educação Especial: Interface entre saúde e educação**, de Pôrto (2023), teve como objetivo investigar o papel do acompanhamento terapêutico na inclusão escolar de crianças com Autismo na América Latina e no Brasil, especialmente em relação à sua aplicação nas escolas regulares. A metodologia dessa pesquisa foi de base bibliográfica e documental. A autora analisou duas pesquisas disponíveis no repositório da BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, seguindo critérios específicos, e relacionou com a seguinte questão: à prática do acompanhamento terapêutico, sua história e sua aplicação nas escolas regulares. A autora critica o AT nas escolas com base na percepção de trabalhos que analisa e destaca que o AT está sendo entendido, como agente de inclusão. O sumário do trabalho, está estruturado em 3 capítulos, sendo que no 1º aborda o acompanhar ao acompanhante terapêutico, no capítulo 2 traz a definição de inclusão, e por fim, no 3º capítulo analisa os desafios, surpresas e as rupturas.

O TCC de Nascimento (2023), intitulado **Os métodos TEACCH, ABA e PECS e as possíveis contribuições para a avaliação pedagógica de estudantes com Transtorno do Espectro Autista**, teve como metodologia a pesquisa bibliográfica, tendo analisado um estudo sobre a avaliação de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Também, analisou livros e artigos de especialistas nos métodos TEACCH, ABA e PECS para entender como esses programas abordam a avaliação pedagógica. Na primeira etapa, a autora notou uma escassez de materiais específicos sobre avaliação na educação, pois a maioria das publicações focavam no desenvolvimento de habilidades e comportamento. Na segunda etapa, a autora investigou os objetivos desses métodos e como eles contribuem para a avaliação pedagógica, investigando as abordagens clínicas e médicas, com foco nos déficits e comportamentos indesejados. O objetivo de sua pesquisa foi analisar como os métodos TEACCH, ABA e PECS podem contribuir para a avaliação pedagógica de estudantes com TEA na escola regular. A autora descobriu que há uma falta de abordagens pedagógicas específicas para avaliar esses estudantes, tanto na literatura acadêmica quanto nos métodos analisados. A autora critica que a maioria dos materiais se concentra em abordagens clínicas e médicas, sem oferecer orientações pedagógicas claras para a avaliação e adaptação do ensino. Também, destaca na sua pesquisa a falta de atenção à educação desses estudantes e a necessidade de desenvolver abordagens mais inclusivas e educacionalmente orientadas para a avaliação pedagógica de estudantes com TEA. O sumário do trabalho, está estruturado em 3 capítulos, que tratam dos métodos de avaliação TEACCH, ABA E PECS.

O TCC **A música na educação escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**, de autoria de Rodrigues (2022), foca na compreensão do papel da música na educação escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O objetivo desta pesquisa foi entender como a área de educação reconhece a importância da música para essas crianças nas escolas regulares. Para isso, a autora realizou um levantamento bibliográfico em bancos de dados acadêmicos como o *Scielo* e BDTD, buscando estudos sobre música na educação básica e TEA. Também analisou as leis brasileiras para verificar se a música é mencionada como disciplina obrigatória nos currículos da educação básica. Apesar dela encontrar apenas quatro produções relevantes, todas destacaram a

importância da música na educação de crianças com TEA, especialmente para melhorar a comunicação e desenvolver habilidades mentais, emocionais e afetivas. A autora concluiu que os estudos indicam que a música desempenha um papel significativo na educação desses estudantes nas escolas regulares. O sumário do trabalho, está estruturado em 4 capítulos, que tem como assuntos, no capítulo 1 a música na educação básica e na educação dos sujeitos com TEA, no capítulo 2 traz a história e as características do TEA. E por fim, no capítulo 3 aborda a música e a criança com TEA na produção acadêmica.

Sobre como o Autismo é visto em revistas brasileiras, o TCC **representação do Autismo na mídia: os discursos produzidos**, de autoria de Salvador (2019), teve como objetivo analisar e questionar os discursos presentes nessas revistas, investigando como elas constroem as narrativas sobre o Autismo. Por meio de uma revisão bibliográfica, selecionou quatro revistas para essa investigação e analisou suas capas, matérias e imagens. Usou como referencial teórico os estudos de Eni Orlandi sobre análise de discurso e a visão crítica de Adorno sobre a indústria cultural. Ao analisar as revistas, a autora identificou que muitos discursos enfatizam o diagnóstico do Autismo em vez das habilidades das pessoas, reforçando uma perspectiva médica do desenvolvimento humano e promovendo terapias como solução. O sumário do trabalho, está estruturado em 4 capítulos, no segundo capítulo trata sobre como o Autismo é representado nas mídias, e no DSM-V, no terceiro capítulo faz um levantamento bibliográfico das revistas e por último, faz uma análise das imagens das revistas.

Em síntese, após a apresentação individual dos 15 TCCs a primeira questão que chama atenção é que apesar de todos tratarem do TEA na educação eles abordam diferentes aspectos desse tema, desde práticas pedagógicas até a representação na mídia, passando pela transição da educação infantil para os anos iniciais, fatores que interferem na educação escolar, e até mesmo a música na educação escolar de crianças com TEA.

Cada trabalho aborda uma perspectiva única sobre como lidar com o TEA na escola, seja explorando práticas pedagógicas, desafios de inclusão, a influência da família e dos professores, formação continuada de professores, critica os métodos

de ensino específicos como TEACCH³, ABA⁴ e PECS⁵, entre outros aspectos.

Outro ponto que chama atenção é que todas as pesquisas possuem o objetivo de entender melhor como a educação pode ser modificada para atender às necessidades das crianças com Transtorno do Espectro Autista. Cada trabalho se concentra em uma área específica, como a formação de professores, práticas pedagógicas, transição entre etapas educacionais e métodos de ensino.

Além disso, a classificação metodológica dos trabalhos é bem diversificada, como: pesquisa de campo, entrevistas, pesquisa bibliográfica em teses, dissertações e artigos documental. Os trabalhos analisaram desde o que já foi estudado sobre o Autismo até as diferentes abordagens pedagógicas e métodos terapêuticos. Esses objetivos refletem um compromisso em melhorar a qualidade de vida e a inclusão desses alunos no ambiente escolar, fornecendo diversas percepções sobre professores, profissionais da saúde e familiares que lidam com o TEA diariamente. Ressalto, que todos esses TCCs compartilham o objetivo comum de promover uma educação mais acessível, e inclusiva para as pessoas com TEA.

Outro ponto importante é que os resultados dos trabalhos apontam muitos desafios na educação de crianças com TEA, dentre eles estão: os desafios na formação de professores, destacando que o processo de formação dos professores é considerado despreparado em relação aos debates e práticas de inclusão, havendo uma necessidade de mais discussões e experiências pedagógicas durante a formação; muitos trabalhos apontam para a falta de práticas pedagógicas específicas para alunos com TEA, o que pode comprometer a qualidade da educação oferecida a esse grupo de estudantes; ressaltam a importância da organização do tempo e espaço, interações e brincadeiras como eixos norteadores das práticas pedagógicas para crianças com Autismo; é destacado que o Autismo não pode ser visto como um único padrão, mas, sim, como uma condição que requer abordagens educacionais transformadas às individualidades e necessidades de cada aluno; embora as análises mostram que a mídia muitas vezes enfatiza o diagnóstico e promove uma visão médica do Autismo, negligenciando as individualidades dos Autistas; algumas pesquisas ressaltam a importância da participação da família no ambiente escolar e indicam a música como uma

³ TEACCH: Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação;

⁴ ABA: Análise Comportamental Aplicada;

⁵ PECS: Sistema de Comunicação por Troca de Imagens.

ferramenta essencial na educação de crianças com TEA.

Por fim, há uma perspectiva crítica em relação à inclusão escolar, com destaque nas estratégias como mediação e apoio pedagógico, que são consideradas essenciais para a transição da educação infantil para os anos iniciais. Ademais, as pesquisas apontam a necessidade de que seja inclusiva a educação de crianças com TEA, como pesquisas e práticas pedagógicas específicas para esse público.

Com o objetivo de visualizar melhor como os TCCs mencionam as palavras "professores", "docentes", "auxiliar" e "profissional da educação", na próxima seção apresenta-se um conjunto de quadros nos quais é possível investigar mais sobre esses trabalhos.

4. ANÁLISE DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO: ABORDAGENS SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR E A FORMAÇÃO DOCENTE

Nesta seção, depois de organizar a sistematização dos resumos para compreender melhor os estudos que tratam do Autismo como tema central nos 15 TCCs, realizei um novo mapeamento para nos aproximarmos das discussões sobre como os professores são mencionados nesses trabalhos. Para isso, o procedimento adotado foi mapear nos 15 TCCs, usando a combinação de tecla do computador "CTRL+F", as seguintes palavras-chave: professor, docente, auxiliar e profissional da educação. Ao concluir esta etapa, os dados foram organizados em tabelas e quadros e os resultados serão apresentados a seguir.

Quadro 3 - TCCs da UFSC sobre Autismo que mencionam, professor, docente, auxiliar e profissional da educação.

Nº	Ano	Autora	Título	Profº	Docente	Auxiliar	Profissional da educação
1	2016	Camila Cristina Beppler	Diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e práticas pedagógicas: qual a influência? O que ele diz aos professores? O que ele define?	227	38	13	0
2	2016	Caroline Heil Mafra	A transição da educação infantil para os anos iniciais da vida de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma escola privada	170	2	4	2
3	2016	Jerusa de Cacia Dutra	As produções acadêmicas sobre Autismo no Brasil: possíveis compreensões	170	2	4	2
4	2016	Joyce Santos da Silva	Eixos norTEAadores das ações pedagógicas na educação infantil para a criança com Autismo na produção acadêmica da área da Educação Especial	87	9	1	1
5	2016	Josete Burda Andrade	A trajetória escolar de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma Escola Pública Federal em Florianópolis - SC	85	1	5	0

6	2016	Anna Carolina Cardias	As contribuições de professores e familiares de sujeitos com Transtorno do Espectro Autista na educação infantil	71	0	22	0
7	2018	Tayse Paulino dos Passos	A criança com Autismo no ensino comum: desafios no processo de inclusão escolar	199	11	7	0
8	2019	Larissa Royer Salvador	A representação do Autismo na mídia: os discursos produzidos	53	7	5	3
9	2019	Bruna Jochem	Formação continuada de professores no estado de Santa Catarina sobre o Transtorno do Espectro Autista	321	36	5	0
10	2020	Aline Furtado	A formação de professores de educação especial e a escolarização dos sujeitos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	104	18	5	0
11	2022	Xênia Regina da Silva	Fatores que interferem na educação escolar dos Estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Escola Regular nas produções acadêmicas	115	10	3	0
12	2022	Rafaela Machado Almeida	Práticas Pedagógicas desenvolvidas com estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na produção acadêmica brasileira	87	8	0	0
13	2022	Jessica Sohn Rodrigues	A música na educação escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	34	1	3	0
14	2023	Aline Cardoso Pôrto	Acompanhamento Terapêutico e Educação Especial: Interface entre saúde e educação	49	10	7	1
15	2023	Christiane Vieira Nascimento	Os métodos TEACCH, ABA e PECS e as possíveis contribuições para a avaliação pedagógica de estudantes com Transtorno do Espectro Autista	17	14	4	0

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa realizada no RI/UFSC (2024)

Ao analisar os TCCs apresentados no Quadro 3, que tinha por objetivo visualizar quantas vezes o professor/docente é mencionado nos TCCs, iniciou-se a segunda etapa da investigação: entender o que as pesquisadoras dos TCCs

destacam sobre os professores. A pesquisadora Beppler (2016), por exemplo, destaca que é comum os docentes criticarem a falta de preparo profissional para realizar o trabalho pedagógico com crianças com TEA. Em suas palavras,

Atualmente, é comum encontrarmos docentes com um discurso referente à falta de qualificação profissional para desenvolver o trabalho pedagógico com crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), não sendo encontrado apenas relacionado ao TEA. Dentro das escolas é recorrente escutá-lo quando os professores se deparam com crianças com deficiência ou Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), justificando o sentimento de despreparo pela “falta” de formação na área de Educação Especial. (Beppler, 2016, p. 12)

Seguindo essa linha de pensamento, Beppler (2016, p. 12) argumenta que, muitas vezes, o diagnóstico é visto mais como uma ferramenta para identificar a criança do que compreender verdadeiramente quem ela é, sendo usado como um rótulo que define a criança inteiramente com base no transtorno.

Para nós, estudantes e futuras pedagogas, já em nossos primeiros contatos com a escola, percebemos que essa fala se repete. No caso específico do Transtorno de Espectro Autista, o discurso indica que ainda se tem uma preocupação mais voltada ao diagnóstico do que à criança em si. Este, muitas vezes, é compreendido como uma ferramenta que oferece informações que indicam quem é a criança, sendo utilizado como um instrumento totalizador que define a criança a partir do transtorno. (Beppler, 2016, p. 12)

Parte-se do pressuposto de que os professores baseiam suas ações no diagnóstico que recebem sobre os alunos, o que torna o ensino mecânico e afasta o processo de aprendizagem.

Beppler (2016, p. 22) diz que os professores tendem a pautar suas ações no diagnóstico recebido, deixando a prática pedagógica mecanizada, à margem do processo de escolarização, focando, então, suas ações nas características consideradas como sendo expressão das deficiências ou dos transtornos e assim, criando barreiras atitudinais, impedindo as crianças de se sentirem parte do grupo, se tornarem participativas e construir conhecimentos e experiências próprias no ambiente escolar do qual fazem parte. Isso faz pensar acerca da lógica do modelo biomédico como ainda sendo uma concepção que se sobrepõe à concepção pedagógica.

Ainda se tratando do diagnóstico recebido pelos professores, Dutra (2016, p. 20) relata em sua pesquisa que,

Nas leituras que fiz, observei que muitos artigos estavam mais relacionados à área clínica, ou seja, tratando das características orgânicas do sujeito, o que não respondia às minhas indagações como professora da educação infantil. Quando iniciei esta pesquisa para o TCC, por intermédio do balanço

de produção, também percebi que muitas publicações estavam relacionadas aos aspectos clínicos relativos às pessoas com Autismo. Porém, ainda não conseguia perceber o que então vem sendo estudado atualmente no Brasil sobre o Autismo, especificamente na área educacional.

Seguindo essa linha de pensamento, Furtado (2020, p. 48), traz outro prisma importante em sua pesquisa:

Considerando que a formação inicial de professores, e mais ainda de professores de EE, deve incluir discussões sobre os estudantes com TEA, é necessário estarmos atentos ao que é proposto nos cursos de Licenciatura em Educação Especial. Essa pesquisa demonstrou que tais discussões são feitas a partir da área clínica, que além de se distanciar da área de atuação do professor, não contempla, na formação deste profissional, questões sobre a escolarização desses estudantes.

Por sua vez, Mafra (2016) reitera a argumentação de Beppler (2016), reafirmando a dificuldade dos docentes em relação às práticas pedagógicas de aluno com TEA.

O diagnóstico de TEA tem uma incidência muito frequente na escola em que atuo e percebo uma dificuldade das professoras quando se refere à escolarização das crianças com esse diagnóstico. Essa dificuldade seria decorrente da falta de conhecimento dos professores? (Mafra, 2016, p. 7.)

Mais adiante, ainda discorrendo sobre a prática docente, Mafra (2016, p. 20), traz outro prisma importante: que uma maneira de incluir crianças com Transtorno do Espectro Autista na escola regular é estabelecer uma rotina escolar, (estratégias didáticas) pois as crianças com TEA geralmente precisam de rotinas bem definidas. Isso significa que ter uma programação regular na escola pode ajudar essas crianças a se sentirem mais confortáveis e a lidar melhor com o ambiente escolar. Para ela,

Essa rotina escolar é muito importante para as crianças com TEA. Amplia a experiência escolar, proporcionando uma apropriação do meio social e seu desenvolvimento cognitivo através de exercícios de ensino e aprendizado que serão úteis para o convívio social. (Mafra, 2018, p. 21)

Dessa forma o espaço escolar deve ser organizado pelo professor de modo que a criança com Autismo, tenha uma melhor percepção. Sobre isso, a pesquisadora Silva (2016, p. 37) pontua em seu TCC:

[...] Para que a criança com Autismo possa compreender o espaço e prever o tempo, acredito ser necessária a intervenção do professor, explicando o modo em como tais ações se organizam, sempre enfatizando que tal imagem, objeto ou foto se refere a um determinado local ou proposição.

Ainda se tratando da formação específica de professores/as, Andrade (2016,

p. 38) em sua pesquisa relata que,

Se o objetivo é incluir a criança com TEA em todas as atividades escolares, mesmo sabendo que não será fácil, devem ser proporcionadas à criança as possibilidades idênticas a dos outros alunos. É necessário reconhecer as limitações da criança, assim como suas possibilidades. Esse reconhecimento propicia ao professor explorar e desenvolver atividades adequadas à participação de todos os alunos, enriquecendo seu desenvolvimento.

No âmbito dessa questão, ainda discorrendo sobre a inclusão da criança com TEA em sala de aula, Andrade (2016), critica o despreparo dos professores ao lidar com essas crianças. Pontuando em seu TCC:

[...] Há falta de informação sobre as características específicas desse transtorno, uma certa insegurança por parte dos professores por se tratar de crianças que apresentam interações sociais e padrões de comunicação bastante diferentes das demais crianças da mesma faixa etária. (Andrade, 2016, p.47)

Contraposto a este cenário, Cardias (2016), aplicou questionários às professoras e auxiliares de sala, a fim de entender quais métodos educacionais elas utilizavam principalmente com crianças com TEA. Em suas palavras:

[...] Quando questionadas sobre se as atividades realizadas com Lucas eram específicas, as professoras afirmam que não realizam atividades específicas. Indicam que o planejamento é o mesmo para toda a turma. No relato de uma das professoras ela diz entender que se houvesse um planejamento diferenciado, ele não estaria sendo incluído, mas sim, excluído. Outra professora afirma que não fazer nada separado em relação aos demais e que propõe as mesmas “coisas” para todos. Ao mesmo tempo ressalta que não força Lucas a realizar as atividades propostas, caso ele não queira realizar. (Cardias, 2016, p. 32)

Cardias ressalta que no questionário os profissionais mencionaram algumas características, que pensam ser comuns em crianças com TEA, como atraso na fala, não ficarem muito tempo junto com outras crianças, não interagirem muito e possuírem dificuldade em se concentrar por muito tempo. Em suas palavras,

[...] Tanto as professoras como as auxiliares reconhecem a criança como autista (utilizam essa nomenclatura e não TEA). Segundo questionário aplicado, estas profissionais relatam algumas situações que entendem ser características do TEA como, por exemplo, atraso na fala, manter-se pouco tempo na roda com as demais crianças, pouca interação, dificuldade em manter o foco em algo por muito tempo. (Cardias, 2016, p. 32)

Mais adiante, ainda discorrendo sobre o assunto, Cardias (2016, p. 33) ressalta que, todas as profissionais entrevistadas mencionam o fato de não receberem orientação da instituição em relação ao trabalho a ser realizado com essa criança. Fica evidenciado em suas falas o quanto sentem por não ter um

apoio.

Na direção dessa problemática apresentada por Cardias (2016), Passos (2018, p. 11), ressalta em sua pesquisa,

[...] o quão desafiador é ainda o processo de inclusão para os professores e para todos os que estão na escola. Sobretudo os professores sentem-se despreparados diante de crianças que não se enquadram nas concepções construídas historicamente de comportamento ideal, de ritmos e aprendizagens legitimados pelos padrões escolares. As crianças, principalmente as que constituem o público-alvo da educação especial e que estiveram ao longo dos tempos em instituições segregadas, não são percebidas como crianças com interesses, com aprendizagens prévias, com potencialidades a serem desenvolvidas. As ações e as reações dessas crianças em muitos casos são consideradas perturbadoras e desacomodam as professoras, que não sabem como agir em relação a elas, o que acaba direcionando o olhar para o comportamento de maneira isolada de todo o contexto. O choro, o grito, o jogar-se no chão e a irritação não são comportamentos acolhidos na escola.

Tais considerações vistas por Passos (2018, p. 11), assim como as pesquisas citadas acima apontam para um ponto comum: a dificuldade dos professores e da escola para compreender os sujeitos que escapam ao padrão considerado “normal” pode ter reflexo na busca por diagnósticos que supostamente definirão quem é esse sujeito, como se o diagnóstico fosse apresentar alguma solução pedagógica para esse desconforto dos professores. Portanto, trabalhar esse tema traz à tona as discussões das propostas inclusivas, que devem ter foco não apenas no ingresso da criança com diagnóstico de TEA, mas também na discussão do processo de aprendizagem com foco na ação pedagógica, considerando as especificidades de cada sujeito.

Vê-se pelo exposto que fica evidente a existência de um grande desafio relacionado à atuação docente, sobretudo devido à especificidade dos educandos com TEA. No decorrer desta questão, Jochem (2019, p. 15), por meio da observação participante no estágio nos anos iniciais, relata a seguinte percepção:

[...] Comecei a observar, durante as aulas, as dificuldades dos professores no trabalho pedagógico com o aluno com TEA durante a elaboração de atividades e na própria interação na sala de aula. Ou seja, a relação entre professor e aluno e a relação do aluno com os colegas. Percebi a necessidade e a importância de haver uma orientação específica aos professores e também formações que os auxiliem no fazer docente e na reflexão sobre sua prática pedagógica, entendendo que a escola é um espaço fundamental para o desenvolvimento da criança.

No âmbito desse problema, torna-se imprescindível a investigação e discussão acerca da formação dos/as professores. Silva (2020, p. 25), conclui sua

pesquisa, ressaltando o seguinte: “[...] Há necessidade de ter uma formação continuada dos professores, principalmente aqueles que atuam na área do ‘Autismo’”.

Almeida (2022, p. 12) reitera a argumentação de Silva (2020), reafirmando a falta de formação adequada dos professores. Em suas palavras,

[...] É possível ver, ainda que assistentemente, a precarização das escolas com relação às condições de ensino para estudantes da educação especial. Quando se fala de estudantes com transtorno de espectro Autismo (TEA) observamos que a falta de formação adequada dos professores, a falta do serviço de atendimento educacional especializado (AEE) na escola, o pouco conhecimento dos professores com relação ao Transtorno do Espectro Autista dificulta ainda mais a aprendizagem dos estudantes.

Ao investigar os TCCs destaco as seguintes observações quando mencionam formação de professores: todos os trabalhos destacam que os professores muitas vezes se sentem pouco preparados para lidar com alunos com TEA; apontam que os professores frequentemente criticam a falta de preparo profissional para trabalhar com crianças com TEA, assim como para lidar com diagnósticos e práticas pedagógicas; as pesquisas criticam que muitos professores baseiam suas ações nos diagnósticos recebidos sobre os alunos, o que pode levar a um ensino mecânico e afastar o processo de aprendizagem; além disso, os estudos ressaltam a necessidade de uma formação continuada dos professores, especialmente aqueles que atuam na área do Autismo, e apontam para a importância de orientações específicas, apoio pedagógico no dia-a-dia do trabalho docente e formações que auxiliem os professores em sua prática pedagógica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o propósito de responder o objetivo principal desta pesquisa, retoma-se aqui algumas perguntas iniciais: o que os TCCs do curso de pedagogia da UFSC, nos dizem sobre o papel do/a professor/a na inclusão de estudantes com espectro do Autismo na educação básica? De que forma o/a professor/a pode encontrar subsídios para favorecer a inclusão dos estudantes com Autismo? O que os TCCs do Curso de Pedagogia que tratam sobre o Autismo abordam sobre formação e trabalho docente? A relação entre a família e a escola dessas crianças são mencionadas nos TCCs? Como esses trabalhos descrevem o Autismo na escola e sobre as legislações que tratam do assunto? Para tal finalidade, abaixo apresento o percurso escolhido para a constituição deste estudo.

Começando pela seção 2, quando apresento breves definições conceituais sobre o Autismo e sobre a política de inclusão de estudantes com TEA, descrevo principalmente algumas das características distintivas do TEA, incluindo: outras formas de comunicação verbal e não verbal; padrões restritivos e repetitivos de comportamento; e a diversidade de sintomas classificados pelo DSM-V em diferentes níveis de gravidade. Mas, sobretudo, o estudo realizado nessa seção me ajudou a refletir sobre a influência das pesquisas de Leo Kanner na definição inicial do Autismo. Nessa direção, pude refletir sobre a importância de intervenções multidisciplinares para diminuir os desafios associados ao TEA e da necessidade de apoio contínuo e políticas públicas adequadas, que possam contribuir significativamente para pensar nas práticas educacionais e terapêuticas, visando melhorar a qualidade de vida das pessoas com TEA e suas famílias.

Na seção 3, apresento a sistematização e a análise detalhada do estado do conhecimento sobre o Autismo no contexto dos trabalhos de conclusão de curso de Pedagogia na UFSC. A pesquisa de mapeamento me possibilitou chegar nos 15 TCCs específicos sobre Autismo, foco principal desta pesquisa, proporcionando uma compreensão aprofundada das abordagens pedagógicas e educacionais voltadas para alunos com TEA na educação básica.

A metodologia aplicada, baseada no Estado do Conhecimento de Santos e Morosini (2021), permitiu não apenas a catalogação e sistematização dos trabalhos encontrados, mas também contribuiu significativamente para pensar as práticas pedagógicas e formação de professores. Foi possível aprofundar a compreensão

quanto a contribuição da família e da equipe multidisciplinar para o desenvolvimento de práticas inclusivas mais eficazes, destacando a importância da pesquisa acadêmica para pensarmos em uma educação mais acessível para todos os estudantes.

Após as sínteses e análises feitas na seção 4 para se aproximar do foco deste estudo, realizei dois tipos de investigações no interior dos TCCs: a primeira para descobrir quantas vezes o/a professor/a, docente, auxiliar e profissional da educação são mencionados e; a segunda, para verificar como são citados. Constatei que os trabalhos analisados registram uma angústia semelhante: a necessidade da formação inicial e continuada para professores/as, especialmente aqueles que atuam na área do autismo. Notei também que algumas dessas pesquisas mencionam que é preciso ampliar as discussões sobre os estudantes com TEA no curso de Pedagogia e da importância de orientações específicas e demais disciplinas que tratem do tema.

Embora a UFSC potencialize a pesquisa como um caminho para aprofundamento dos estudos, não garante a ampliação da oferta de disciplinas na área de educação especial. Isso se reflete no reconhecimento limitado dessa modalidade educacional no currículo. Portanto, defendo a distribuição de carga horária não apenas no curso de Pedagogia, mas em todos os cursos que formam educadores, para abranger completamente os estudantes interessados nessa área de ensino. Essa oferta poderia se dar também com disciplinas optativas. Visando assegurar a preparação de professores comprometidos e capacitados para atuar nesse campo. Para isso, é fundamental que as universidades, incluindo a UFSC, cumpram as legislações vigentes e implementem políticas de formação inicial e continuada de professores na educação especial.

Dos 15 TCCs que foram analisados os TCCs que tiveram as principais contribuições significativas para pensarmos a relação dos professores e práticas pedagógicas em relação ao TEA, foram: Beppler (2016), Cardias (2016), Furtado (2020), Almeida (2020), Silva (2016), Passos (2018), Mafra (2016), Andrade (2016), Dutra (2016), e Salvador (2019).

Em síntese, Beppler (2016), destacou como o diagnóstico de TEA impacta as práticas de ensino dos professores, ressaltando desafios relacionados à falta de recursos e preparo adequado. Furtado (2020), investigou as concepções pedagógicas na formação de professores e as orientações oferecidas para

trabalhar com alunos com TEA, apontando lacunas e necessidades de formação. Almeida (2020), criticou artigos que focam mais na inclusão do que nas metodologias específicas de ensino para crianças com TEA, apontando para a necessidade de abordagens mais individualizadas. Silva (2016), e Passos (2018), apontam a importância de uma educação inclusiva que valorize as singularidades dos alunos e ofereça suporte adequado para crianças que não se enquadram no “padrão tradicional” de ensino. Mafra (2016), Andrade (2016), Dutra (2016), e Salvador (2019), contribuíram sobre a transição educacional, bem como traçar estratégias pedagógicas para a inclusão de alunos com TEA, e críticas à visão predominantemente médica do Autismo e apontam que o diagnóstico muitas vezes podem ocasionar prejuízo às habilidades individuais de cada criança.

Realizar este estudo sobre o Transtorno do Espectro Autista foi muito importante para mim, pois trouxe descobertas e me fez aprofundar nessa temática essencial.

Quando procurei minha orientadora, meu argumento foi sobre minha formação: eu não me sentia preparada para lidar com as situações que surgiram durante meu estágio, atribuindo a culpa à minha formação, à escola, ao professor e às leis. Questionava-me para que servem as leis se elas apenas ficam trancadas em uma gaveta? Mesmo que a professora da turma onde estagiei adotasse estratégias para incluir a criança 1, como mencionado anteriormente, eu não conseguia perceber que o peso maior recaía principalmente na família, pois é ela quem convive diariamente com a criança e de onde os primeiros passos precisam ser dados. Contudo, são muitas as variáveis que podem interferir no desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes e não apenas os aqui indicados.

Concluo, portanto, que a pesquisa realizada neste trabalho e as várias reflexões propostas pela minha orientadora e também das professoras da banca me permitiram compreender que, se eu me formasse e fosse atuar na área com a ideia de que todo o peso no ensino dessas crianças recai apenas sobre o professor, eu acabaria me frustrando e adoecendo.

A educação inclusiva é um processo em construção, não tem roteiro pré-determinado, precisa ser customizado para cada família, escola, turma e para cada aluno, precisa ser constantemente avaliado e revisado. E é uma política muito complexa para implementar no cotidiano escolar, justamente porque vai de encontro com a concepção ainda prevalente de escola que é meritocrática e

homogeneizadora.

Devido à uma série de dificuldades que o sistema educacional brasileiro apresenta, o processo de inclusão não é fácil. Porém, é indispensável que as escolas procurem saber como aquela criança se comporta em determinada situação e, principalmente, que condições são necessárias para o trabalho docente e como os professores e familiares podem colaborar em sala de aula para que a inclusão desses alunos ocorra da melhor forma o possível.

Por esses motivos citados acima, pesquisas nessa área são de extrema importância e relevância. Neste contexto, a pesquisa nesta área me levou a refletir sobre pensar proposições para o curso de Pedagogia, além das já mencionadas, como:

1. Organizar mesas de debates e rodas de conversa sobre a educação especial no curso de Pedagogia, a fim de trazer mais espaços de discussões para que as/os estudantes se sintam amparados no campo de estágio;
2. Divulgar e assegurar a participação de estudantes em seminários e encontros sobre educação especial, pois as discussões que perpassam nesses eventos também contribuem para a formação acadêmica;
3. Estabelecer diálogos com grupos de pesquisa em educação especial para discutir e ampliar formas de inserção dessa área de conhecimento no currículo do curso de Pedagogia;
4. Aumentar a contratação de professores para lecionar disciplinas obrigatórias, NADE e optativas sobre educação especial, disponíveis para todos os cursos, especialmente nas licenciaturas.

“A maior barreira para os autistas não é o autismo em si, mas a incompreensão e a falta de aceitação na sociedade.” (Grandin, 2010.)⁶ E essa aceitação/inserção deve partir de práticas cotidianas, dentro e fora da sala de aula,

⁶ "Temple Grandin" destaca a história inspiradora de uma jovem autista que enfrenta desafios significativos para alcançar uma vida normal. Incentivada pelo professor, ela chega à universidade e usa sua sensibilidade e habilidade com os animais e revoluciona a indústria agropecuária dos Estados Unidos. Dirigido por Mick Jackson e distribuído pela HBO, o filme foi lançado em 6 de fevereiro de 2010 nos Estados Unidos. Recebeu diversos prêmios e indicações, incluindo o Prêmio Emmy do Primetime de melhor filme feito para televisão. Temple Grandin utilizou sua sensibilidade e habilidade com animais para desenvolver técnicas inovadoras que tiveram um impacto duradouro no setor agropecuário.

através de políticas públicas e de espaços plurais. Por fim, acredito que a beleza da vida, são as diversas formas de ver e agir no mundo que a gente carrega um dentro do outro, e que eles precisam se unir.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. M. **Práticas Pedagógicas desenvolvidas com estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na produção acadêmica brasileira.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais DSM-I.** São Paulo: Manole, 1958.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5** (5a ed.; M. I. C. Nascimento, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDRADE, J. B. **A trajetória escolar de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma Escola Pública Federal em Florianópolis - SC.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

AZEVEDO, M. **A Importância do Currículo Funcional Natural como Alternativa para a Educação de Crianças com Autismo e Deficiência Mental.** 60ª Reunião Anual da SBPC. 2011.

BARROSO, Susana Faldeiro. **O Autismo para a psicanálise: da concepção clássica à contemporânea.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 1231-1247, dez de 2019.

BEPPLER, C. C. **Diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e práticas pedagógicas: qual a influência? O que ele diz aos professores? O que ele define?** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

BRASIL, Lei n. 12.764 de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da pessoa com Transtorno do Espectro do Autista:** e altera o inciso 3º. O art.96 da Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990.

CARDIAS, A. C. **As contribuições de professores e familiares de sujeitos com Transtorno do Espectro Autista na educação infantil.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

CAVACO, N. **Minha criança é diferente? Diagnóstico, prevenção e estratégia de intervenção e inclusão das crianças autistas e com necessidades educacionais Especiais.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

CAVALCANTI, A.; ROCHA, P. **Autismo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: WAK, 2017.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: Ideias e práticas inclusivas**. Rio de Janeiro: WAK, 2011.

DUTRA, J. C. **As produções acadêmicas sobre Autismo no Brasil: possíveis compreensões**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

FURTADO, A. **A formação de professores de educação especial e a escolarização dos sujeitos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

GUILHERME, A. A.; BECKER, C. **Do Modelo Médico ao Modelo Social: Educação Inclusiva no Contexto Escolar**. 1ª ED. Caxias do Sul: Editora X, 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2023**. Brasília: Inep, 2024.

JOCHEM, B. **Formação continuada de professores no estado de Santa Catarina sobre o Transtorno do Espectro Autista**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

KANNER, Léo. (1943). **Os Distúrbios Autísticos de Contato Afetivo**. In: Rocha, P. S. org. *Autismos*, São Paulo, Escuta, 1997, p. 111-170).

KASSAR, Mônica C.M. **Percursos da constituição de uma política brasileira de educação especial inclusiva**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.17, p.41-58, Maio-Ago., 2011. Edição Especial.

KOHL-SANTOS, Priscila; MOROSINI, Marília Costa. **O revisitar da metodologia do estado do conhecimento para além de uma revisão bibliográfica**. Revista Panorâmica Online, 33, 2021.

MAFRA, C. H. **A transição da educação infantil para os anos iniciais da vida de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma escola privada**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

MANTOAN, M.T.E. **O direito de ser, sendo diferente, na escola: inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva.** São Paulo, 2006.

MENDES, E. G. **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil.** Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 33, set./dez. 2006.

Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. Brasília, DF, 2008.

Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado.** Brasília, DF: SEESP/SED/MEC, 2007.

NASCIMENTO, C. V. **Os métodos TEACCH, ABA e PECS e as possíveis contribuições para a avaliação pedagógica de estudantes com Transtorno do Espectro Autista.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2023.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PASSOS, T. P. dos. **A criança com Autismo no ensino comum: desafios no processo de inclusão escolar.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

PIMENTA, P. R. Autismo: **déficit cognitivo ou posição do sujeito? Um estudo psicanalítico sobre o tratamento do Autismo.** 150 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

PÔRTO, A. C. **Acompanhamento Terapêutico e Educação Especial: Interface entre saúde e educação.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2023.

RODRIGUES, J. S. **A música na educação escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.

SALVADOR, L. R. **A representação do Autismo na mídia: os discursos produzidos.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

SILVA, Cármen C. R. **Música: um auxílio no desenvolvimento e aprendizagem de crianças com perturbação do espectro do Autismo.** Lisboa, 2012.

SILVA, J. S. da. **Eixos norteadores das ações pedagógicas na educação infantil para a criança com Autismo na produção acadêmica da área da Educação Especial.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

SILVA, X. R. da. **Fatores que interferem na educação escolar dos Estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Escola Regular nas produções acadêmicas.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.

TAMANAHA, A. C.; PERISSINOTO, J.; CHIARI, B. M. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger.** Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, v. 13, n. 3, p. 296-299, 2008.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. **Inclusão, exclusão, in/exclusão.** Verve, 20: 121-135, 2011.

VYGOTSKY Lev, S. **A formação social da mente.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 1984.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Quadro 1 – Lista completa dos 55 TCCS defendidos no Curso de Pedagogia da UFSC com foco em Educação Especial.

Ano	Título	Autora	orientador e coorientador
2013	Atuação do auxiliar de ensino de Educação Especial: reflexões a partir de uma experiência na rede Municipal de Florianópolis	Américo, Francielle Aparecida	Maria Sylvia Cardoso Carneiro
2013	Os profissionais que atuam nas escolas de ensino regular com os alunos da Educação Especial na rede estadual de Santa Catarina	Brighenti, Alini Zanini	Rosalba Maria Cardoso Garcia
2013	O trabalho pedagógico com sujeitos da Educação Especial na educação infantil	Girardi, Livia Rezende	Maria Helena Michels Maria Sylvia Carneiro
2013	O que dizem os pesquisadores sobre as políticas de Educação Especial no Brasil: balanço do GT 15 da ANPED (2007-2012)	Santos, Divanir de Fátima Ventura dos	Rosalba Maria Garcia
2013	A concepção de ensino/aprendizagem presente na formação inicial de professores do Atendimento Educacional Especializado	Dias, Mariana Lindner	Rosalba Maria Cardoso Garcia
2014	Sistema educacional inclusivo na política brasileira	Viana, Iclairi	Rosalba Maria Cardoso Garcia
2014	Programa Educação Inclusiva - direito à universidade: uma análise sobre a concepção de aprendizagem	Silva, Cláudia Teles da	Rosalba Maria Cardoso Garcia
2015	Escolarização de alunos com deficiência: reflexões a partir da vivência do estágio docência em anos iniciais	Faria, Manoela Dutra de	Maria Sylvia Cardoso Carneiro
2015	A organização da Educação Especial para os alunos com deficiência na EJA na rede municipal de ensino de Florianópolis	Silva, Renata Soares da	Rosalba Maria Cardoso Garcia
2016	A disputa por uma política educacional para alunos com dislexia	Omena, Márcia Lopes Lima de	Rosalba Maria Cardoso Garcia

2016	Critérios de atendimento da Educação Especial na educação infantil na rede municipal de Florianópolis: os limites do trabalho pedagógico	Pereira, Josiane de Freitas	Rosalba Maria Cardoso Garcia
2016	Elementos históricos da criação da Fundação Catarinense de Educação Especial (1968-1996)	Machado, Ana Maria	Ademir Valdir dos Santos
2016	Diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e práticas pedagógicas: qual a influência? O que ele diz aos professores? O que ele define?	Beppler, Camila Cristina	Ana Carolina Christofari
2016	A transição da educação infantil para os anos iniciais da vida de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma escola privada	Mafra, Caroline Heil	Maria Sylvia Cardoso Carneiro
2016	As produções acadêmicas sobre Autismo no Brasil: possíveis compreensões	Dutra, Jerusa de Cacia	Maria Helena Michels
2016	Eixos norTEAadores das ações pedagógicas na educação infantil para a criança com Autismo na produção acadêmica da área da Educação Especial	Silva, Joyce Santos da	Maria Helena Michels.
2016	A trajetória escolar de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma Escola Pública Federal em Florianópolis - SC	Andrade, Josete Burda	Maria Sylvia Cardoso Carneiro
2016	As contribuições de professores e familiares de sujeitos com Transtorno do Espectro Autista na educação infantil	Cardias, Anna Carolina	Maria Helena Michels
2016	Qual o papel das instituições especializadas na política nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva?	Garcia, Jane Clarice Severo	Maria Sylvia Cardoso Carneiro
2017	Serviços e ações para sujeitos com altas habilidades/superdotação: o que nos dizem as produções acadêmicas e as políticas educacionais?	Cunha, Vanessa	Maria Helena Michels
2017	A acessibilidade do espaço físico da escola básica municipal Dr. Paulo Fontes em Florianópolis/SC e as dificuldades enfrentadas por uma aluna com paralisia cerebral	Pereira, Kamila Silva	Rosalba Maria Cardoso Garcia

	(1995-2005)		
2017	Benefício de prestação continuada (BPC):A potencialidade do programa frente ao Desenvolvimento Humano para Pessoas com Deficiência: A potencialidade do programa frente ao Desenvolvimento Humano para Pessoas com Deficiência.	Silva, Ana Clara Fernandes da	Rosalba Maria Cardoso Garcia
2017	O trabalho pedagógico do professor do atendimento educacional especializado: desafios e alternativas	Lionara, Poletti	Rosalba Maria Cardoso Garcia
2017	A educação especial na educação infantil: reflexões sobre a formação de professores	Duarte, Cristiane Izolette	Maria Helena Michels
2018	Reflexões sobre o trabalho docente da auxiliar de Educação especial na classe comum	Lima, Bruna Delfino de	Maria Sylvia Cardoso Carneiro
2018	A criança com Autismo no ensino comum: desafios no processo de inclusão escolar	Passos, Tayse Paulinos	Ana Carolina Christofari
2019	A apropriação da linguagem escrita em pessoas com deficiência: um estudo a partir das memórias de estudantes universitários	Paula, Milene Rodolfo de	Maria Sylvia Cardoso Carneiro
2019	A racionalidade técnica na formação de professores de educação especial no estado de Santa Catarina	Ramos, Thais De Espindola	Maria Helena Michels
2019	Literatura infantil em libras: aproximações iniciais	Ribas, Maria Luiza Souza	Rosalba Maria Cardoso Garcia
2019	A INSERÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA NA educação infantil	SOSA, TATIANE DANIELA SOUZA	Maria Sylvia Cardoso Carneiro
2019	A representação do Autismo na mídia: os discursos produzidos	Salvador, Larissa Royer	Ana Carolina Christofari
2019	Formação continuada de professores no estado de Santa Catarina sobre o Transtorno do Espectro Autista	Jochem, Bruna	Maria Sylvia Cardoso Carneiro
2020	As atribuições do segundo professor de turma nos anos iniciais e finais do ensino fundamental em Santa Catarina	Malinowski, Fernanda Lima	Rosalba Garcia
2020	Apontamentos históricos sobre a inclusão de crianças com deficiência no núcleo de desenvolvimento infantil da Universidade Federal de Santa Catarina	Santos, Mônica Cunchados	Maria Sylvia Cardoso Carneiro

2020	A formação de professores de educação especial e a escolarização dos sujeitos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	Furtado, Aline	Maria Helena Michels
2021	A contribuição da brincadeira na educação de crianças com deficiência na perspectiva histórico-cultural	Nascimento, Maria Eduarda	Maria Cardoso Garcia.
2022	A proposição de atendimento ao público da Educação Especial na educação infantil no município de Antônio Carlos-SC	Koerich, Ana Carolina	Maria Helena Michels
2022	A apropriação da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski para a produção acadêmica da Educação Especial no Brasil	Lima, Amanda Ribeiro	Rosalba Maria Garcia
2022	As políticas públicas para Educação Especial no Brasil (2001-2020) e suas implicações para o trabalho dos professores da área	Silva, Anna Carolina Rodrigues Costa e	Rosalba Maria Cardosos Garcia
2022	Análise do perfil requerido aos professores de Educação Especial no Brasil	Thiago, Sarah S.	Rosalba Maria Cardoso Garcia
2022	Trabalho docente de professores regentes dos anos iniciais do ensino fundamental com os estudantes público-alvo da educação especial na classe comum do ensino regular	Torralba, Juliana Costa	Rosalba Maria Cardoso Garcia
2022	Medicalização, práticas escolares e o TDAH: desafios atuais	Silva, Raíssa Gavião da	Ana Carolina Christofari
2022	Pandemia Covid-19 e a Educação Especial: implicações para o trabalho docente	Carvalho, Giulia Gewehr de	Rosalba Maria Cardoso Garcia
2022	Fatores que interferem na educação escolar dos Estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Escola Regular nas produções acadêmicas	Silva, Xênia Regina da	Maria Helena Michels
2022	Práticas Pedagógicas desenvolvidas com estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na produção acadêmica brasileira	Almeida, Rafaela Machado	Maria Helena Michels
2022	A organização pedagógica da Educação Especial na Rede Municipal de Ensino de Garopaba/SC	Amorim, Ana Beatriz Fernandes de	Rosalba Maria Cardoso Garcia

2022	A formação de professores e os estudantes de TDAH no estado de Santa Catarina	Hoffmann, Stephanie Maria	Maria Helena Michels
2022	O trabalho de professores do atendimento educacional especializado (AEE) com estudantes com deficiência intelectual (DI)	Joaquim, Liandra Camila	Rosalba Maria Cardoso Garcia
2022	Trabalho Colaborativo Na Educação Especial Nos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental: Caracterização E Conceituação	Martins, Pamela Agata de Souza	Rosalba Maria Cardoso Garcia
2022	A música na educação escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	Rodrigues, Jessica Sohn	Maria Helena Michels
2023	Teorias pedagógicas e as concepções de Prática na formação inicial dos professores de Educação Especial	Hoffmann, Aline de Souza da Silveira	Maria Helena Michels
2023	Acompanhamento Terapêutico e Educação Especial: Interface entre saúde e educação	Pôrto, Aline Cardoso	Ana Carolina Christofari
2023	Os métodos TEACCH, ABA e PECS e as possíveis contribuições para a avaliação pedagógica de estudantes com Transtorno do Espectro Autista	Nascimento, Christiane Vieira	Maria Helena Michels
2023	Exigência formativa e formação do professor auxiliar de educação especial da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.	Santos, Natiele Silva dos	Maria Helena Michels
2023	A relação entre orientação educacional e estudantes da educação especial: o que os documentos da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis?	Freitas, Emanuela de	Jocemara Triches

APÊNDICE B - Quadro 2 - Etapa 2- Bibliografia Sistematizada nos TCCs sobre Autismo, realizados nos anos de 2016 a 2023.

Nº	Ano	Autora	Título	Objetivos	Metodologia	Resultados
1	2016	Camila Cristina Beppler	Diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e práticas pedagógicas: qual a influência? O que ele diz aos professores? O que ele define?	Apreender as teóricas pedagógicas que perpassam as concepções de prática pedagógica na formação inicial dos professores de educação especial.	Bibliográfica	Com a análise dos documentos, evidenciamos que em sua maioria, as formações de professores ainda estão sendo baseados pela Pedagogia Tecnicista, onde se nota ênfase no desenvolvimento de técnicas para se desenvolver o processo de ensino e aprendizagem. O que nos faz compreender que existe um esvaziamento teórico no ensino.
2	2016	Caroline Heil Mafra	A transição da educação infantil para os anos iniciais da vida de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma escola privada	Compreender o processo de transição da educação infantil para os Anos Iniciais na vida de uma criança com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma escola privada da Grande Florianópolis.	Pesquisa de campo, entrevistas e bibliográficas.	Nesse estudo encontrei, até o momento, uma perspectiva positiva em todo processo de inclusão escolar de João. Uma expectativa identificada é quanto à interação do João referente à mediação da professora no futuro. Hoje uma estratégia pedagógica é utilizada para facilitar sua inclusão escolar é a mediação. Todas as crianças quando entram no ensino fundamental precisam de mediações, de estratégias que possam contribuir com o desenvolvimento da dimensão estética, da criatividade, da imaginação, da fruição. Essas dimensões não são inatas, ao contrário, elas são constituídas culturalmente, nas relações que os sujeitos estabelecem com outros sujeitos. Referente à transição da educação infantil para os Anos Iniciais previsto como objetivo da pesquisa considerou-se realizada até o momento com sucesso.
3	2016	Jerusa de Cacia Dutra	As produções acadêmicas sobre Autismo no Brasil: possíveis compreensões	Analisar o que vem sendo estudado no Brasil sobre Autismo, de 2008 a 2015. A metodologia utilizada foi o balanço de produção pelo qual busquei as produções acadêmicas em banco de dados como ANPED, CAPES e SCIELO.	Bibliográfica	Em muitas pesquisas o Autismo aparece como o definidor do sujeito, do seu desenvolvimento, de sua identidade, independentemente da idade. Aparentemente, a partir dessas produções, os Autistas têm as mesmas necessidades, aprendem do mesmo jeito com os mesmos métodos de ensino. Há poucas produções que tratam das pessoas Autistas como sujeitos que tem suas individualidades e necessidades.

4	2016	Joyce Santos da Silva	Eixos norteadores das ações pedagógicas na educação infantil para a criança com Autismo na produção acadêmica da área da Educação Especial	Compreender, a partir da produção acadêmica da área da educação especial, quais são as ações pedagógicas indicadas como importantes nessas produções referentes ao atendimento de crianças com Autismo na educação infantil.	Bibliográfica	As análises das produções acadêmicas, acerca do tema, indicaram que os eixos norteadores das ações pedagógicas para a criança com Autismo podem ser assim organizados: organização do tempo e espaço, interações e brincadeiras. O resultado da análise mostra que o diagnóstico está sempre a frente do sujeito e a idéia de que a educação infantil tem objetivos diferentes da educação especial, em relação as ações pedagógicas.
5	2016	Josete Burda Andrade	A trajetória escolar de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma Escola Pública Federal em Florianópolis - SC	Apresentar e discutir os aspectos sobre o processo de escolarização desta criança.	Pesquisa de campo, entrevistas e bibliográfica.	As pesquisas bibliográficas e documental, bem como as entrevistas possibilitaram perceber elementos importantes do processo de escolarização e estratégias pedagógica para que o aluno com TEA fique cada vez mais em sala de aula e não se disperse das atividades orais e escritas, interaja com as demais crianças da sala de aula e com os profissionais que ali trabalham.
6	2016	Anna Carolina Cardias	As contribuições de professores e familiares de sujeitos com Transtorno do Espectro Autista na educação infantil	Compreender como se dá a relação entre instituição e família no processo educacional de uma criança Autista na educação infantil.	pesquisa de campo, com entrevistas, documentos e bibliográfica.	Com minhas análises concluí que a proposta da Rede Municipal de São José apresenta como de grande importância participação da família, esta compreendida como parte integrante do ambiente da instituição. Para a instituição, a família precisa sentir-se acolhida, cabendo à equipe do CEI proporcionar momentos que os envolvam estes sujeitos, buscando estreitar as relações visando o sucesso das crianças.
7	2018	Tayse Paulino dos Passos	A criança com Autismo no ensino comum: desafios no processo de inclusão escolar	Analisar e promover uma discussão acerca das experiências referentes à inclusão nas escolas de ensino comum, de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).	Bibliográfica	Com base nas leituras, é possível constatar que os professores consideram a formação inicial muito frágil em relação ao debates e experiências pedagógicas sobre a prática de inclusão, além disso denunciam que há poucos debates dentro da própria escola com colegas para se pensar nas práticas de inclusão.

8	2019	Larissa Royer Salvador	A representação do Autismo na mídia: os discursos produzidos	O presente trabalho aborda a temática das representações do Autismo em revistas impressas brasileiras e tem como o objetivo analisar e problematizar os discursos que estão sendo produzidos por essas revistas.	Bibliográfica	Ao realizarmos a análise das revistas, compreende-se como os discursos veiculados pela mídia mostram-se e produzem modos de pensar e de agir em diversos espaços da sociedade, principalmente, nas escolas. Como resultado desta pesquisa é importante destacar a grande frequência de discursos que ressaltam o diagnóstico ao invés da potencialidade dos sujeitos, o que favorece o fortalecimento de uma visão médica em relação ao desenvolvimento humano, e a grande oferta de terapias que prometem garantir o bem-estar da criança com Autismo.
9	2019	Bruna Jochem	Formação continuada de professores no estado de Santa Catarina sobre o Transtorno do Espectro Autista	Analisar as ações de formação continuada propostas pela Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE), no período de 2010 a 2018, voltadas para o trabalho com alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).	Bibliográfica e documental	As produções acadêmicas apresentam, através de relatos dos professores participantes, além do sentimento de despreparo para atuar com crianças com deficiência, uma distância entre a formação inicial e a prática na sala de aula. Além disso, alguns trabalhos revelam que alguns professores buscam por formação continuada com o intuito de suprir as lacunas da formação inicial, muito mais do que aprimorar, complementar ou aprofundar conteúdos que enriqueçam o trabalho docente.
10	2020	Aline Furtado	A formação de professores de educação especial e a escolarização dos sujeitos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	Analisar a formação de professores, nos cursos de licenciatura em educação especial, particularmente no que se refere ao Transtorno do Espectro Autista (TEA).	Pesquisa Bibliográfica em teses, dissertações, artigos e documental, analisando PPCs de curso de lic. Em Ed Especial.	Podemos compreender que a escassez das produções sobre essa temática não possibilitam aos formadores, em seus respectivos cursos, terem embasamento teórico para fundamentar suas disciplinas.

11	2022	Xênia Regina da Silva	Fatores que interferem na educação escolar dos Estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Escola Regular nas produções acadêmicas	Tem como tema central a educação escolar dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Objetivamos analisar de que forma a área da educação aborda a educação escolar dos estudantes com TEA.	Bibliográfica	Com as análises podemos afirmar que a discussão sobre o ensino e a aprendizagem dos sujeitos com TEA são encontradas em poucas produções. Esse fato nos faz afirmar a necessidade da secundarização dos processos ensino e aprendizagem dos sujeitos com TEA nas produções acadêmicas e no que diz respeito ao ensino e a aprendizagem dos sujeitos com TEA não encontramos produções que nos auxilie a pensar como esses estudantes efetivam sua escolarização.
12	2022	Rafaela Machado Almeida	Práticas Pedagógicas desenvolvidas com estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na produção acadêmica brasileira	Analisar as proposições das práticas pedagógicas com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a partir das produções acadêmicas.	Bibliográfica	Com a análise dessas produções, por intermédio de leitura na íntegra, chegamos à conclusão de que existe pouca produção sobre as práticas pedagógicas relacionadas a esses sujeitos. As produções específicas sobre práticas pedagógicas, pouco tratam de planejamento, avaliação ou procedimentos, centrando-se mais na chamada "inclusão". Além disso, as práticas pedagógicas indicadas nas produções tem como ponto de partida as condições individuais dos estudantes com TEA, o que pode implicar em uma precarização da escolarização desse grupo de sujeitos
13	2022	Jessica Sohn Rodrigues	A música na educação escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	Nosso objetivo de investigação foi compreender como a área de educação apreende a importância da música na educação escolar das crianças com TEA na escola regular.	Bibliográfica, análise de documentos.	Podemos afirmar então que as produções, de forma unânime, indicam a utilização da música no auxílio na educação escolar das crianças com TEA, principalmente quanto se refere a sua comunicação.
14	2023	Aline Cardoso Pôrto	Acompanhamento Terapêutico e Educação Especial: Interface entre saúde e educação	analisar, a partir de um estudo bibliográfico, sobre o papel do Acompanhante Terapêutico, no contexto escolar.	Bibliográfica	Foram apresentados os desafios, surpresas e rupturas que perpassam o processo da pesquisa, atualizações constantes da temática e o fortalecimento atual das discussões do campo nosológico.

15	2023	Christiane Vieira Nascimento	Os métodos TEACCH, ABA e PECS e as possíveis contribuições para a avaliação pedagógica de estudantes com Transtorno do Espectro Autista	Analisar as possíveis contribuições dos métodos TEACCH, ABA e PECS para as avaliações pedagógicas dos sujeitos com TEA na escola regular de classe comum.	Bibliográfica e documental	Com essa investigação observamos a negligência relativa à escolarização dos estudantes com TEA, uma vez que a área de educação especial não trata dessa ação pedagogicamente e, ao mesmo tempo, os métodos também não nos dão parâmetros pedagógicos para tal.
----	------	------------------------------	---	---	----------------------------	--

Fonte: Elaborada pela autora a partir da pesquisa realizada no RI/UFSC (2024)